

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS**

**NATASHA VECHI KRAÜSS**

**MEDINAT AL-ZAHRA: HISTÓRIA DE AL-ANDALUS PARA A SALA DE AULA**

**ALFENAS/MG**

**2022**

**NATASHA VECHI KRAÜSS**

**MEDINAT AL-ZAHRA: HISTÓRIA DE AL-ANDALUS PARA A SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Ibérica (Mestrado Profissional) da Universidade Federal de Alfenas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica.  
Orientador (a): Prof.(a) Dr.(a) Adailson José Rui

**ALFENAS/MG**

**2022**

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas  
Biblioteca Central

Vechi Kraüss, Natasha.

Medinat al-Zahra: história de al-Andalus para a sala de aula / Natasha  
Vechi Kraüss. - Alfenas, MG, 2022.  
93 f. : il. -

Orientador(a): Adailson José Rui.

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de  
Alfenas, Alfenas, MG, 2022.  
Bibliografia.

1. Objeto de Aprendizagem. 2. História Ibérica. 3. Medinat al-Zahra. 4.  
Abd al-Rahman III. 5. Islã. I. Rui, Adailson José, orient. II. Título.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

**NATASHA VECHI KRAUSS****MEDINAT AL- ZHARA: HISTÓRIA DE AL-ANDALUS PARA A SALA DE AULA**

A Banca examinadora abaixo-assinada aprova a Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovada em: 21 de abril de 2022.

Prof. Dr. Adailson José Rui  
Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Profa. Dra. María Marcos Cobaleda  
Instituição: Universidade de Málaga (UMA-ES)

Profa. Dra. Adriana Vidotte  
Instituição: Universidade Federal Goiás (UFG) / Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)



Documento assinado eletronicamente por **Adailson José Rui, Professor do Magistério Superior**, em 21/04/2022, às 13:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARÍA MARCOS COBALEDA, Usuário Externo**, em 21/04/2022, às 17:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Vidotte, Usuário Externo**, em 26/04/2022, às 22:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0710604** e o código CRC **5C313727**.

Dedico este trabalho  
à minha mãe, que sempre apoiou  
e incentivou os meus estudos.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus amigos, Eller, por me encorajar a participar desse programa, e Elen, por sempre estar disposta a ler todos os meus textos.

Ao meu orientador Adailson, pela paciência, disponibilidade e direcionamento dessa pesquisa. Sem a sua orientação a tarefa se tornaria ainda mais difícil.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

Os Objetos de Aprendizagem – OAs – são ferramentas que auxiliam professores e alunos no processo de construção do conhecimento de maneira dinâmica e atrativa. Por isso, desenvolvemos o OA, intitulado “Medinat al-Zahra: História de Al-Andalus para a Sala de Aula”, a partir do ExeLearning, um software livre, que não demanda acesso constante à internet e pode ser executado em computadores das escolas públicas. Essa ferramenta permite o acesso a textos, mapas, vídeos e atividades, além de artigos para domínio do conteúdo pelos professores. O OA foi desenvolvido através de pesquisas sobre a presença e o legado islâmico, durante a Idade Média, na Península Ibérica, território conhecido como Al-Andalus. Para tanto, fizemos uso de artigos e capítulos de livros elaborados, entre outros, por Maribel Fierro e Antonio Vallejo Triano. Justificamos o trabalho realizado em virtude dos currículos escolares, que pouco ou nada, abordam essa temática, a fim de proporcionar conhecimento aos estudantes em relação aos aspectos do “mundo” islâmico. Por isso, a intenção deste OA é demonstrar a riqueza histórica e cultural traduzidas (ou produzidas) pelos muçulmanos através de construções arquitetônicas, da ciência, arte e de estruturas governamentais que viriam refletir posteriormente na Europa e nas colônias portuguesas e espanhola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Objeto de Aprendizagem; História Ibérica; Medinat al-Zahra; Abd al-Rahman III; Islã.

## RESUMEN

Los objetos de aprendizaje – AOs – son herramientas que ayudan a los profesores y a los alumnos en el proceso de construcción del conocimiento de forma dinámica y atractiva. Por ello, desarrollamos el OA titulada "Medinat al-Zahra: Historia de Al-Andalus para Sala de aula", basada en ExeLearning, un software libre, que no requiere acceso constante a Internet y que puede ejecutarse en los ordenadores de las escuelas públicas. Esta herramienta permite acceder a textos, mapas, vídeos y actividades, así como a artículos para que los profesores dominen los contenidos. El OA se desarrolló a partir de la investigación sobre la presencia y el legado islámico durante la Edad Media en la Península Ibérica, territorio conocido como Al-Andalus. Para ello, hemos recurrido a artículos y capítulos de libros escritos, entre otros, por Maribel Fierro y Antonio Vallejo Triano. Justificamos el trabajo realizado debido a los programas escolares, que abordan poco o nada este tema, para proporcionar conocimientos a los alumnos sobre aspectos del "mundo" islámico. Por lo tanto, la intención de este OA es demostrar la riqueza histórica y cultural traducida (o producida) por los musulmanes a través de las construcciones arquitectónicas, la ciencia, el arte y las estructuras gubernamentales que luego se reflejarían en Europa y en las colonias portuguesas y españolas.

**PALABRAS CLAVE:** Objeto de Aprendizaje; Historia Ibérica; Medinat al-Zahra; Abd al-Rahman III; Islam.

## ABSTRACT

Learning objects – LDs – are resources that help teachers and students during the process of building knowledge in a dynamic and attractive way. That said, we have developed a LD, with the name of Medinat al-Zahra: História da Península Ibérica para Sala de Aula, using ExeLearning, a software free of charge, that does not demand constant acces to internet and can be implemented in computers at public schools. This tool allows acces to texts, maps, videos and activities, as well as articles for teachers to study the content. The LD was developed via researches about the islam presence and legacy, during the Middle Ages, at the Iberian Peninsula, which was a territory known as Al-Andalus. For such, we based our work on articles and bibliography from authors, among others, such as Maribel Fierro and Antonio Vallejo Triano. We justify our work due to the scholar curriculums, that scarcely ever approach this theme in order to provide knowledge related to the aspects from the “world” of the Islam. For that reason, our goal with the LD is to demonstrate the historcial and cultural richness translated (or produced) by the muslims to architectural cosntructions, science, art and governmental structures that would be reflected in Europe and in the portuguese and spanish colonies.

**PALAVRAS-CHAVE:** Learning Object; Iberian History; Medinat al-Zahra; Abd al-Rahman III; Islam.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>PARTE I - DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM.....</b>	<b>16</b>
2.1	INTRODUÇÃO.....	17
2.2	O <i>EXELEARNING</i> E A CONSTRUÇÃO DO OA.....	17
2.3	APRESENTAÇÃO DO OA.....	20
2.3.1	Al-Andalus e o Emirado.....	25
2.3.2	Abd al-Rahman III e o Califado.....	29
2.3.3	Medinat al-Zahra e A Cidade Arqueológica.....	30
2.3.4	Professores!.....	34
2.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
<b>3</b>	<b>PARTE II - OS REFLEXOS CULTURAIS E TECNOLÓGICOS ISLÂMICOS EM MEDINAT AL-ZAHRA.....</b>	<b>36</b>
3.1	INTRODUÇÃO.....	37
3.2	AL-ANDALUS.....	40
3.3	SOBRE AS FONTES.....	41
3.4	A CONQUISTA MUÇULMANA.....	44
3.4.1	O Emirado.....	46
3.5	ABD AL-RAHMAN III.....	49
3.6	MEDINAT AL-ZAHRA.....	50
3.6.1	A Construção.....	51
3.6.2	Legitimação e Cultura.....	53
3.7	A CIDADE ARQUEOLÓGICA.....	57
3.8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
<b>4</b>	<b>PARTE III - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E A APLICABILIDADE DO OBJETO DE APRENDIZAGEM.....</b>	<b>62</b>
4.1	UMA VISÃO GERAL SOBRE O USO DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM..	63
4.2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA.....	64
4.2.1	História Ibérica e o Ensino de História.....	64
4.2.2	Concepção do Objeto de Aprendizagem.....	68
4.3	O <i>EXELEARNING</i> .....	72

<b>4.4</b>	<b>APLICABILIDADE DO OBJETO DE APRENDIZAGEM.....</b>	<b>73</b>
<b>4.4.1</b>	<b>Problematização Historiográfica.....</b>	<b>74</b>
<b>4.4.2</b>	<b>Aulas e Avaliações.....</b>	<b>77</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>82</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>85</b>
	<b>GLOSSÁRIO.....</b>	<b>89</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Talvez, muitos de nós teremos dificuldades em pronunciar e compreender palavras, como al-Andalus, Abd al-Rahman III e Medinat al-Zahra. Ou até mesmo, entender o que é um *valiato*, um emirado ou um califado. Tudo isso é justificado pela nossa falta de intimidade com a História da Península Ibérica, entre os séculos VIII ao XV, período referente à presença muçulmana naquela região. Presença que muito contribuiu, não só para o desenvolvimento da localidade, bem como influenciou em diversas áreas culturais, científicas e filosóficas, tanto a Europa, como as colônias portuguesas e espanholas na América.

Considerando tais informações, decidimos direcionar a nossa pesquisa para a construção de um Objeto de Aprendizagem digital, tendo como título “*Medinat al-Zahra: História de Al-Andalus para a Sala de Aula.*” Nosso objetivo, por meio dele, é apresentar uma ferramenta que seja interessante e dinâmica, a fim de estimular o ensino e a aprendizagem sobre a presença e o domínio muçulmano em Al-Andalus, demonstrando através da construção da cidade de Medinat al-Zahra, entre 936 e 940 (há divergências entre as fontes sobre a data exata<sup>1</sup>), já em tempos do califado, como foram colocados em prática os conhecimentos islâmicos na arquitetura da cidade califal, bem como pela cultura expressa, entre outras formas, pela arte decorativa, literatura e poesia deixada por eles.

Neste trabalho, para além das fontes escritas, também utilizamos o *site* Amigos de Medina Azahara, um coletivo formado em 2012, sem fins lucrativos, a fim de facilitar o acesso ao Conjunto Arqueológico. Nele, podemos acompanhar sua história, notícias, estudos arqueológicos, fotografias e imagens digitais, que nos permitem visualizar a cidade palaciana. O *site* oferece a opção de tradução textual do espanhol para o português e inglês, mas a reprodução dos vídeos está em língua espanhola<sup>2</sup>.

Ainda, consideramos trabalhar com o conceito de cultura, bem como as noções de práticas e representações tendo como aporte teórico Roger Chartier e Peter Burke. O Dicionário de Conceitos Históricos (2009), discorre sobre a cultura possuir uma definição ampla, que pode resultar em contradições e, dessa forma, o seu significado se resume em:

[...]cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica (SILVA; SILVA, 2009, p.85).

<sup>1</sup> Herbert González Zymra (2011) faz menção ao ano de 936. Enquanto Maribel Fierro (2004) indica o ano de 939. Já Antonio Vallejo Triano (2006) data o ano de 940.

<sup>2</sup> Para saber mais sobre o site Amigos de Medina Azahara, acesse: <https://www.amigosdemedinaazahara.com/>.

Neste sentido, ao abordarmos o reflexo cultural islâmico em Medinat al-Zahra, nos utilizamos de pesquisas realizadas por Peter Burke, que a partir de 1970, viu a emergência em explicar aspectos culturais do comportamento humano, doravante a estudos pontuais sobre as minorias, grupos marginalizados – étnica ou religiosamente -, hábitos e costumes diferentes, ou seja, aquela forma de investigar a história de maneira generalizada já não era mais aceitável entre os pesquisadores.

Apesar de haver inúmeros trabalhos e tentativas de definir a História Cultural, este é um caminho longo e que ainda não apresentou, até o presente, sinais de que pode ser facilmente esgotado. Não obstante, os diferentes campos que a engloba são analisados e desenvolvidos por pesquisadores, com a finalidade de torná-los cada vez mais acessíveis ao público comum. Entendemos assim, que a História Cultural não é tarefa apenas dos historiadores, já que ela pode ser trabalhada de forma multidisciplinar. É o que Burke (2005) chama de vizinhos e, neste sentido, a arqueologia pode ser utilizada como uma maneira de auxiliar nas análises acerca das representações dos objetos encontrados, bem como numa possível compreensão da vida cotidiana.

Barros (2005), ao se referir aos termos de práticas e representações propostos por Chartier (2002), esclarece que se denominam noções e não conceitos, pois ainda são expressões em construção, já que ainda não houve uma delimitação pelos pesquisadores acerca dos limites e sob quais objetos se aplicam. As noções de práticas e representações irão nos orientar a respeito dos:

[...] objetos culturais produzidos como os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive mediante a consolidação de seus costumes (BARROS, 2005, p. 135).

Dessa maneira, podemos visualizar como as bases da religião islâmica contribuíram para fundamentar e estruturar governamentalmente a civilização muçulmana na Península Ibérica, sendo o islã parte do processo cultural.

Posto isso, o trabalho que se apresenta é o desenvolvimento de pesquisa histórica e historiográfica, somada à utilização de uma tecnologia em que se deu a construção do objeto de aprendizagem, com a finalidade de levar para a sala de aula da educação básica um conteúdo que ainda é pouco explorado pelos currículos, mas que é essencial para a nossa compreensão, já que somos herdeiros dessa cultura ibérica.

A tecnologia tem sido uma ferramenta essencial na vida das pessoas, uma vez que é através dela que podemos executar diversas tarefas diárias que vão desde a realização de serviços essenciais – como acesso aos bancos, pagamentos de contas, compras e vendas – até atividades de lazer – como as redes sociais, *streaming* de filmes e músicas e jogos. Ou seja, o acesso a esses tipos de plataformas e serviços já faz parte do dia a dia.

São inúmeras as informações disponíveis sobre milhares de assuntos e conteúdos, por isso, tomamos o cuidado em construir um material de forma organizada, a fim de tornar o nosso conteúdo atrativo e efetivo, visando a aprendizagem integral do aluno e dinamizar o trabalho do professor. Soma-se a essa questão, a preocupação em tentar desconstruir discursos deturpados e preconceituosos acerca da religião islâmica, através da elaboração de materiais que tratam do tema, de maneira mais aprofundada, para que se construa debates importantes e fundamentados através de pesquisas acadêmicas e que essas possam ser levadas para outros setores da sociedade.

Escolhemos como ferramenta de trabalho para a construção do OA o *Exe Learning*, pois o *software* é livre, gratuito, não demanda acesso constante da internet e sua plataforma é simples, tanto para quem constrói o material, como para quem o acessa, sendo ideal para o uso de professores e alunos. Após finalizado, vemos que o seu *design* é intuitivo, já que se apresenta como uma página comum de *website*, com um menu do lado esquerdo com *links* e *sublinks* que direcionam para o conteúdo desejado e, além disso, permite a realização de atividades que dão respostas em tempo real, sendo uma boa maneira de aferir de maneira instantânea se os conteúdos apresentados pelos textos foram compreendidos e assimilados.

Para melhor estruturar o nosso trabalho, ele será dividido em três partes e mais as Considerações Finais. Na primeira, temos a *Descrição e Caracterização do Objeto de Aprendizagem*. Nesta parte, vamos apresentar o resultado do OA que foi construído a partir de pesquisas bibliográficas acerca dos acontecimentos históricos referentes a Al-Andalus, dando especial atenção à cidade palaciana de Medinat al-Zahra como ponto principal da nossa pesquisa. Como o OA foi construído a partir de uma tecnologia que se assemelha a um *website*, sua execução será demonstrada a partir de *print* de tela. Com isso, poderemos mostrar o material escrito, o uso de vídeos, de imagens e a execução das atividades e tarefas.

Na segunda parte, vamos apresentar *Os Reflexos Culturais e Tecnológicos Islâmicos em Medinat al-Zahra, no século X*. Será apresentada uma discussão histórica e historiográfica, a partir de bibliografias e artigos que tratam do contexto histórico de al-Andalus. Inicialmente, faremos uma contextualização geral sobre a chegada dos muçulmanos na Península Ibérica, os tipos de governos que foram constituídos, a influência e o poder Omíada e como isso refletiu

na organização governamental daquela região. Em seguida, o foco passará para Medinat al-Zahra, em que poderemos identificar como ficou evidente as influências islâmicas na sua construção, bem como nas estruturas sociais e governamentais, tornando essa cidade memorável, sendo relatada pelos cronistas árabes como o Esplendor do Califado. Aproveitaremos também para demonstrar os estudos acerca da cidade Arqueológica, que hoje é considerada uma das rotas turísticas mais visitadas de Córdoba, na Espanha.

Na terceira parte, serão desenvolvidas a *Fundamentação Teórica* e a *Aplicabilidade do Objeto de Aprendizagem*. Enquanto que na primeira parte demonstramos a prática do OA, aqui iremos apresentar a teoria acerca das questões educacionais, que envolvam a função do professor na construção do conhecimento, e o desenvolvimento de habilidades pelos alunos. Discussões sobre a construção e a aplicabilidade do OA dentro da temática da História Ibérica e como ele será trabalhado nas aulas. Qual será o público-alvo e os temas abordados, nos utilizando da interdisciplinaridade. Como será a organização das aulas e os métodos de avaliação que serão aplicados.

## **PARTE I**

### **2 DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM**

## 2.1 INTRODUÇÃO

O nosso objeto de aprendizagem – OA – foi construído a fim de facilitar, tanto o acesso como o conhecimento a respeito da história da Península Ibérica, aos professores e alunos da educação básica. A temática que envolve a história de al-Andalus, não está presente nos currículos básicos de educação referentes ao Ensino Médio e, por isso, construímos o nosso trabalho com a finalidade de apresentar um conteúdo acerca da cidade de Medinat al-Zahra, por meio do qual podemos apresentar a história e os impactos da cultura muçulmana no espaço ibérico.

Ademais, uma outra finalidade do nosso OA, é proporcionar um material de fácil acesso e manuseio, considerando que os públicos alvos serão professores e alunos de escolas públicas, o que demandou maior cuidado na escolha da ferramenta, o *exelearning*, que será disponibilizada de forma gratuita através de repositório do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História Ibérica da UNIFAL-MG.

A escolha dos materiais bibliográficos e a construção de todo o conteúdo que abrange o nosso AO, foi estruturada de modo a fazer com que o leitor compreenda, de maneira didática, o contexto geral da história de al-Andalus, a importância e influência dos muçulmanos tanto na região ibérica, bem como pelos outros lugares da Europa e da América. Além disso, o conteúdo tem também como finalidade apresentar, através de Medinat al-Zahra, o islã e a sua influência cultural, religiosa, política, social e econômica naquela sociedade, de tal forma que discursos deturpados e preconceituosos sejam dirimidos pela sociedade em geral.

## 2.2 O EXELEARNING E A CONSTRUÇÃO DO OA

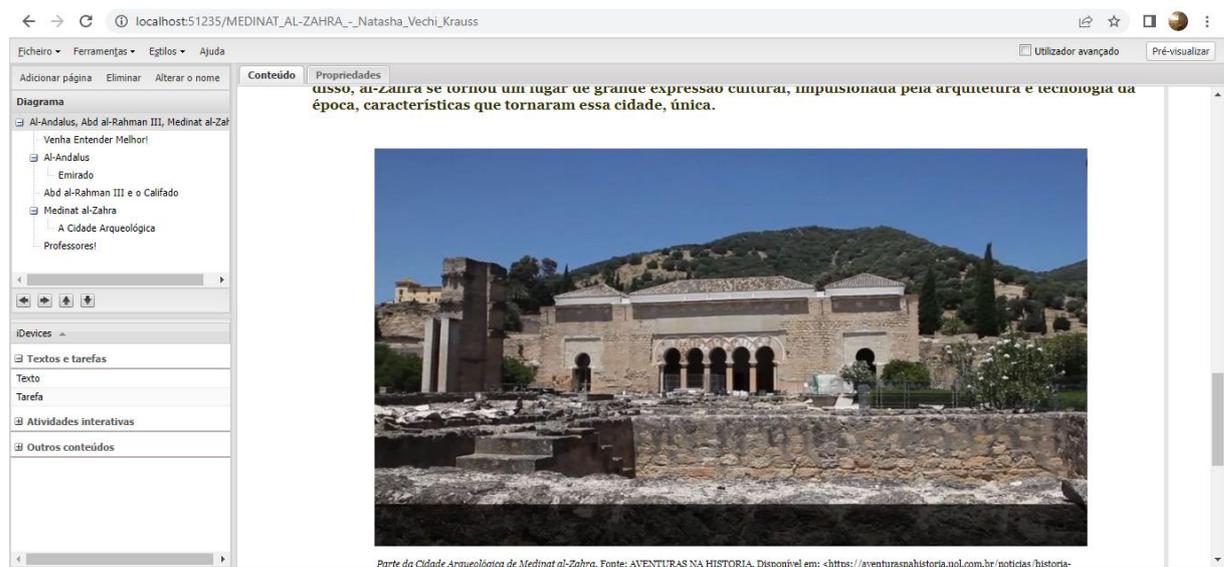
Devido às dificuldades enfrentadas pelas escolas públicas, no quesito acesso às tecnologias, levamos em conta os modelos de OA já desenvolvidos até o presente momento, além de considerarmos que um dos principais conceitos e objetivos dessa modalidade, é a interação com o objeto, pois é essencial para a construção do aprendizado. Por isso, pensamos num tipo de OA que pudesse ser trabalhado de modo off-line, mas que tivesse características de um site, objetivando-se, pedagogicamente, que o aluno pudesse interagir com o conteúdo apresentado, de modo que ele se envolva com o tema proposto, visando seu desenvolvimento intelectual e emancipador em relação à sua aprendizagem.

Desse modo, optamos por trabalhar com a tecnologia do *exelearning*, um *software* livre, gratuito, que permite o acesso a documentos em formato HTML<sup>3</sup> e não precisa do uso constante da internet, o que se adequa à realidade das escolas públicas. Nesse sentido, o professor pode ter acesso ao material construído nesse programa, por meio de repositórios, baixando como arquivo e instalando, por exemplo, nos computadores do laboratório de informática da escola, que ficarão disponíveis para que outros professores possam ter acesso ao OA e que ele seja aproveitado em outras disciplinas.

Ainda sobre a tecnologia do *exelearning*, podemos perceber como a sua aparência e função são didáticas, tanto para quem constrói o objeto, como para quem irá utilizá-lo. Na parte esquerda superior e na inferior, temos o que é chamado de *IDevices*, que é por onde se constrói e acessa o conteúdo e as atividades propostas.

Vejamos duas imagens:

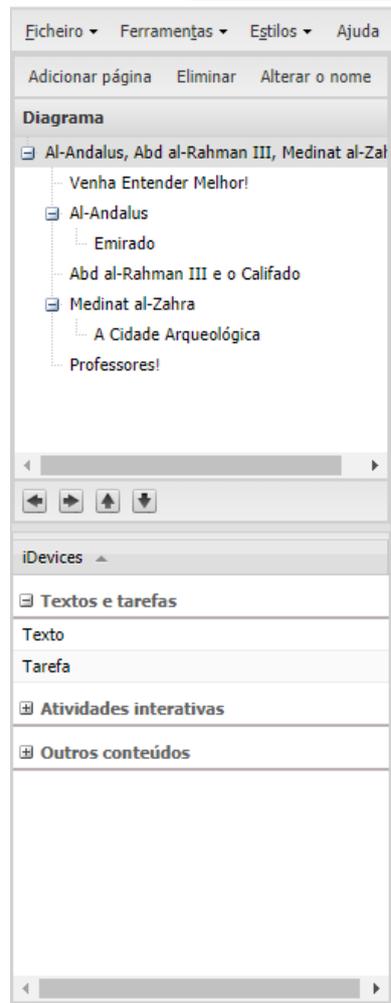
Figura 1- Esta primeira é a tela que o desenvolvedor do OA constrói e edita.



Fonte: Autora.

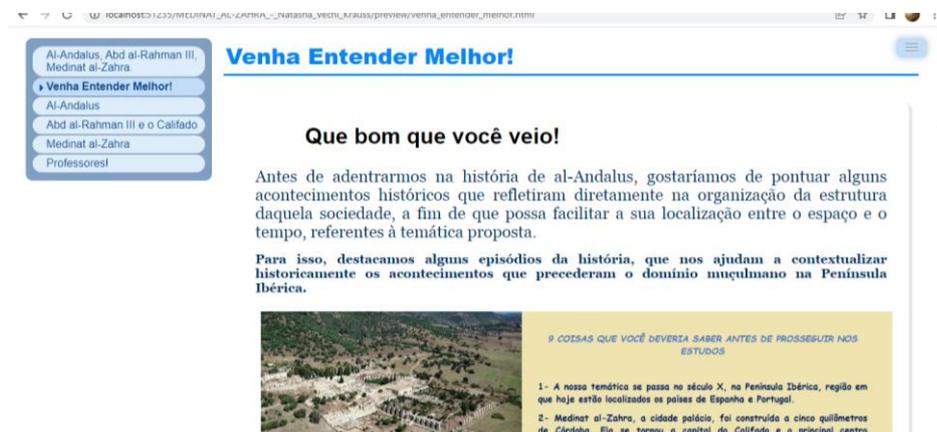
<sup>3</sup> UFRGS. Tutorial eXelearning. Introdução. Disponível em: <http://penta2.ufrgs.br/exelearning/>. Acesso em 04 de jun. 2021.

Figura 2- IDevices. Ferramenta para desenvolvedor criar e editar o conteúdo.



Fonte: Autora.

Figura 3 - Esta é a forma como os usuários veem o trabalho finalizado.



Fonte: Autora.

Foi possível observar que, ao utilizar o *exelearning*, há praticidade em construir um ambiente virtual e interativo com textos, vídeos, imagens e atividades. Com isso, os conteúdos propostos oferecem uma experiência dinâmica entre ler, observar, analisar e fixar o conhecimento, sem que isso se torne uma tarefa exaustiva para os alunos. Ademais, por ser uma ferramenta simples, é necessário apenas o conhecimento básico de informática, como manuseio do mouse, saber digitar e acessar ícones e páginas da web. Atividades simples, considerando-se que o público-alvo são alunos do Ensino Médio.

O nosso OA, intitulado “*Medinat al-Zahra: História de Al-Andalus para a Sala de Aula*”, apresenta-se com objetivos educacionais bem definidos, dentre eles: desconstruir a visão preconceituosa em relação aos muçulmanos e ao islã, perpetuada pelo senso comum; apresentar, ao público da educação básica, a cidade de Medinat al-Zahra como o reflexo do esplendor tecnológico e cultural, no século X; demonstrar a atuação dos muçulmanos na Península Ibérica como seres influentes e produtores sociais e culturais; por fim, apresentar conteúdos a respeito da Península Ibérica, demonstrando que a história daquela região não se origina e não se limita a Portugal e Espanha, conforme as informações, frequentemente, transmitidas pelos livros didáticos<sup>4</sup>, que, para tratar dos grandes descobrimentos, fazem referência a algumas das ações desempenhadas pelas monarquias dos reinos mencionados.

### 2.3 APRESENTAÇÃO DO OA

Para familiarizar o professor e os estudantes com o conteúdo, logo na apresentação, fizemos duas provocações, sendo uma no título com as palavras **Al-Andalus, Abd al-Rahman III e Medinat al-Zahra**, termos que não são comuns para o público da educação básica, e a outra, “Estudantes do Brasil, uni-vos!”, a fim de despertá-los para um novo conteúdo que está sendo apresentado, para além do senso comum da história de Portugal e da Espanha. A partir disso, desenvolvemos um texto, em que suscitamos uma criticidade em relação ao currículo escolar e descrevemos qual o tipo de conteúdo será encontrado, dando significados, por meio da história, aos termos apresentados.

A imagem a seguir é a página inicial do objeto de aprendizagem, veja:

---

<sup>4</sup> Na pesquisa realizada por Marcelo Pereira Lima (2012), intitulada “Representações da Península Ibérica Medieval nos Livros Didáticos: os (des)compassos entre a escola e a academia?” é possível compreender como a abordagem do período medieval na Península Ibérica é limitado, já que dentre os livros pesquisados pelo autor, a maioria se dedica aos temas relacionados ao feudalismo, Igreja, Império Carolíngio, cultura medieval europeia e monarquia. Poucos são os que tratam de Portugal e Espanha e se o fazem, são abordagens dedicadas aos processos de conquistas coloniais. Os livros que tratam da questão muçulmana em al-Andalus, possuem uma abordagem superficial, sem se aprofundar, propriamente, na cultura que ali se constituiu.

Figura 4- Página Inicial do OA.

**Al-Andalus, Abd al-Rahman III, Medinat al-Zahra.**

**Estudantes do Brasil, uni-vos!**

Aposto que você precisou ler, mais de uma vez, uma das palavras presentes no título!

Al-Andalus, Abd al-Rahman III, Medinat al-Zahra, são palavras que não são comuns para nós, afinal são termos que compõem parte da história da Península Ibérica que, ainda não é muito explorada pelo universo escolar brasileiro, já que tem em suas raízes uma história construída a partir de uma visão europeia, que limita o aprendizado sobre a história dessa região à Espanha e Portugal.

**Vamos nos localizar!**

Na primeira imagem, temos um mapa que mostra a configuração atual da divisão territorial entre Portugal, Espanha, França e África.

Fonte: Autora.

Como podem observar, na parte esquerda da tela há um menu com os conteúdos propostos:

Figura 5- Ao lado esquerdo encontra-se o menu, por onde o público-alvo poderá transitar entre as seções e temas.



Fonte: Autora.

Nesta primeira parte, foram colocadas imagens de um mapa da Península Ibérica, a fim de possibilitar ao público-alvo a localização de Medinat al-Zahra no espaço geográfico peninsular, proporcionando um primeiro contato com o qual os estudantes possam visualizar onde o nosso objeto de estudo se encontra. Para finalizar, colocamos duas seções: uma de

“**Glossário**”, com a finalidade de facilitar a compreensão dos termos e palavras, e a outra de “**Reflexão**”, em que está a justificativa para estudar e aprender o conteúdo proposto.

Observe as imagens a seguir:

Figura 6 - Imagem da Cidade Arqueológica de Medinat al-Zahra.



The screenshot shows a digital interface with a sidebar on the left containing navigation buttons: "Al-Andalus, Abd al-Rahman III, Medinat al-Zahra.", "Venha Entender Melhor!", "Al-Andalus", "Abd al-Rahman III e o Califado", "Medinat al-Zahra", and "Professores!". The main content area features a photograph of the archaeological site of Medinat al-Zahra. Below the image is a caption: "Parte da Cidade Arqueológica de Medinat al-Zahra. Fonte: AVENTURAS NA HISTÓRIA. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/destrocos-de-portal-de-cerca-1000-anos-e-descoberto-na-espanha.phtml>. Acesso em: 02/02/21." Below the caption, there is a paragraph of text: "Contudo, venho convidá-los a explorar essa parte da História que é tão rica culturalmente, a fim de que vocês possam ampliar o conhecimento para além dos conteúdos definidos pelos currículos básicos, e que tenham uma experiência diferente fora do ambiente da sala de aula." This is followed by two lines of text: "Clique em **Glossário** para entender os significados de algumas palavras que não são muito comuns em nosso vocabulário." and "Clique em **Reflexão** para entender o porquê devemos aprender este conteúdo." Below this is the heading "Bons estudos!". At the bottom of the main content area, there is a dark grey box with two buttons: "GLOSSÁRIO" and "REFLEXÃO". At the very bottom of the interface, there is a small text: "Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0](#)".

Fonte: Autora.

Figura 7 - Seção Reflexão ainda na página inicial.



The screenshot shows the same digital interface as Figure 6, but with the "REFLEXÃO" section selected. The sidebar navigation buttons remain the same. The main content area has a dark grey header with the word "REFLEXÃO" in white. Below the header, there is a paragraph: "Se o conteúdo em questão não é usual nos currículos escolares, por que devo aprendê-lo?". This is followed by another paragraph: "Esse questionamento segue a mesma lógica de aprender fórmulas matemáticas e físicas que não fazem parte do nosso dia a dia, mas que tem uma fundamentação para o seu ensinamento, que permite ao indivíduo ter outras perspectivas sobre o mundo." Below this is a third paragraph: "Da mesma forma, a seleção desse conteúdo visa não apenas produzir conhecimentos pontuais, mas propor uma ampla discussão acerca da cultura e da sociedade que estão inseridos os muçulmanos, e também, sobre a religião islâmica, que é objeto de deturpação perpetuado pelas mídias. Com isso, a nossa intenção é a de apresentar uma breve parte da História que representa os tempos áureos dessa civilização, na tentativa de desconstruir os preconceitos que foram encrustados na nossa formação, permitindo assim que tenhamos uma melhor compreensão do outro, respeitando a sua individualidade." Below this is a fourth paragraph: "Além disso, não podemos deixar de considerar como a cultura islâmica também está presente em nossas raízes, seja através de costumes do dia a dia, ou como parte da nossa origem." At the bottom of the main content area, there is an illustration of a large, gnarled tree with a thick trunk and many branches. The text "As Raízes Muçulmanas na construção do povo Brasileiro" is written across the branches in a stylized font. Below the tree, there is a small logo with a crescent moon and star, and the text "HISTÓRIA ISLÂMICA" and "RAÍZES".

Fonte: Autora.

Após visualizar a primeira etapa, o aluno será convidado a conhecer mais sobre o assunto. Para isso, por meio do menu, ele poderá clicar na aba **Venha Entender Melhor**.

Nós nos preocupamos em pontuar de forma resumida, o espaço, o tempo, os personagens e os conceitos que serão apresentados ao longo do trabalho e, por isso, criamos o “**9 coisas que você deve saber antes de... prosseguir nos seus estudos**”. Veja abaixo:

Figura 8 - As imagens são da Cidade Arqueológica de Medinat al-Zahra.

Al-Andalus, Abd al-Rahman III, Medinat al-Zahra.

**Venha Entender Melhor!**

Al-Andalus

Abd al-Rahman III e o Califado

Medinat al-Zahra

Professores!





**9 COISAS QUE VOCÊ DEVERIA SABER ANTES DE PROSSEGUIR NOS ESTUDOS**

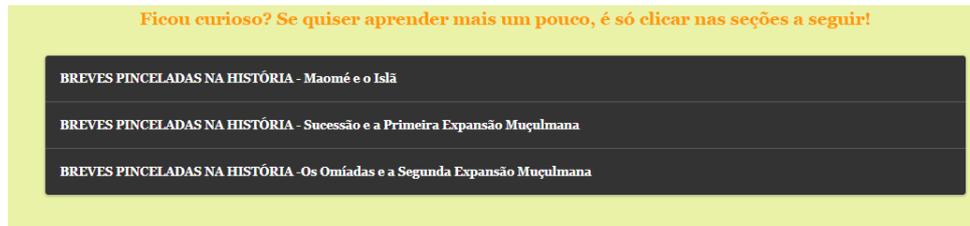
- 1- A nossa temática se passa no século X, na Península Ibérica, região em que hoje estão localizados os países de Espanha e Portugal.
- 2- Medinat al-Zahra, a cidade palácio, foi construída a cinco quilômetros de Córdoba. Ela se tornou a capital do Califado e o principal centro administrativo durante os governos de Abd al-Rahman III e de al-Hakam II, Califas de al-Andalus. Hoje, é uma das cidades arqueológicas mais visitadas da Espanha.
- 3- O período que data o início da construção de Medinat al-Zahra não é exato e causa divergências entre as fontes. Hebert González Zyma (2011) faz menção ao ano de 936, enquanto que Maribel Fierro (2004) indica o ano de 939 e Antonio Vallejo Triano (2006) data que o início da construção se deu em 940.
- 4- Neste período, o islã era mais do que uma religião, sendo também o pilar da organização social, política, econômica e cultural.
- 5- Antes do domínio dos muçulmanos, a Península Ibérica já havia pertencido ao Império Romano e, posteriormente, aos Visigodos - era chamada de Hispania.
- 6- A conquista da Península Ibérica foi reflexo da ampla Expansão Muçulmana, que partiu da Arábia e dominou territórios da Ásia, África e Europa. Isso demonstra a força do Islã e dos Califados que se constituíram após a morte do Profeta Maomé.
- 7- Diferentes de outras histórias, por vezes sangrentas, que vocês já devem ter estudado sobre conquistas de territórios e povos, os muçulmanos adentraram à região da Hispania, praticamente a convite dos próprios

Fonte: Autora.

Aproveitamos esse espaço também para contextualizar, historicamente, os acontecimentos sobre o advento do islã e a chegada dos muçulmanos na Península Ibérica. Para isso, criamos três seções com o nome de “**Breves Pinceladas na História**”. Nelas, apresentamos conteúdos textuais, mapas e vídeos referentes a cada uma das temáticas nas quais distribuímos os três assuntos. Julgamos que eles são os principais temas, que contribuirão para o entendimento do público-alvo. As seções foram divididas em: “**Maomé e o Islã**”, “**Sucessão e a Primeira Expansão Muçulmana**” e “**Os Omíadas e a Segunda Expansão Muçulmana**”.

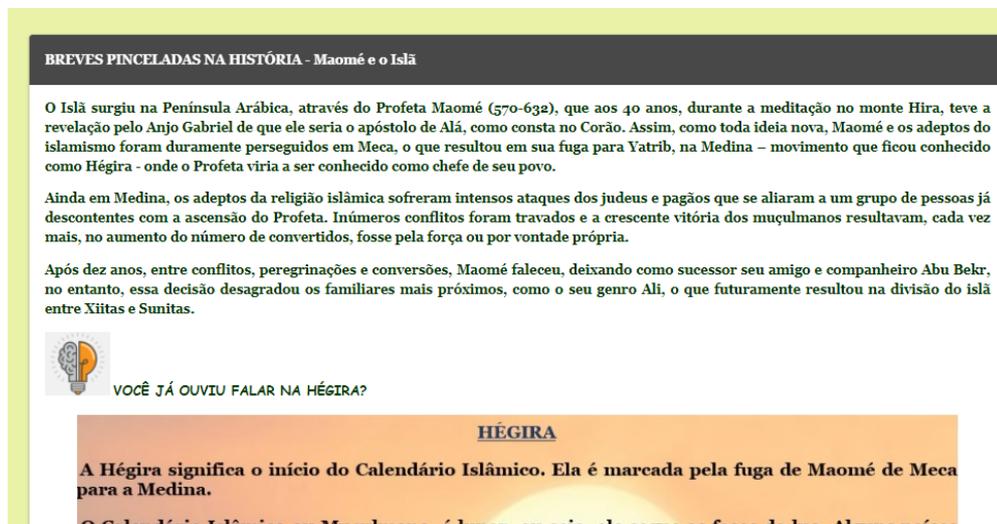
A esse respeito veja a imagem a seguir:

Figura 9- Seções Breves Pinceladas na História



Fonte: Autora.

Figura 10 - Ao clicar na seção, abrirá um texto sobre o assunto.



Fonte: Autora.

Para concluir essa parte, propusemos uma “**Tarefa**” aos estudantes. Como a ferramenta do *exelearning* não tem a função que permite realizar, em tempo real, respostas discursivas, propusemos uma atividade que o aluno deverá responder em seu caderno, o que será de grande valia para os seus estudos, já que é um material de fácil acesso e não deixa o estudante dependente da plataforma.

Figura 11- Tarefa.

**Tarefa**

Duração: 01:00 01:00  
Divisão em 1 grupos:

Após a leitura dos conteúdos apresentados nas seções Breves Pinceladas na História, descreva, com suas palavras, como foi sua experiência com os temas, considerando:

- qual é a sua opinião sobre o Islã;
- se já tinha estudado sobre a Hégira e o Calendário Islâmico;
- o que você conhecia sobre a história dos sucessores do Profeta Maomé e da Expansão Muçulmana; qual sua opinião sobre este assunto;
- sobre a dinastia Omíada, se você já tinha ouvido falar sobre ela e se gostaria de saber mais sobre este assunto.

Por fim, avalie qual foi o seu aprendizado a respeito das temáticas discutidas, refletindo sobre a importância de aprender novos conteúdos, se mudou alguma coisa acerca da sua visão sobre os muçulmanos e se seria importante ensinar mais sobre estes assuntos nas escolas.

Fonte: Autora.

### 2.3.1 Al-Andalus e o Emirado

A aba **Al-Andalus** está dividida em duas partes. Na primeira, damos “**Boas-Vindas**” apresentando um vídeo em Mp4, com imagens atuais das principais cidades que fizeram ou fazem parte do território de al-Andalus, durante o domínio muçulmano. Em seguida, contextualizamos os momentos históricos que precedem a conquista muçulmana daquela região, intitulado “Visigodos, Berberes e *Valiato*”, como demonstramos na imagem a seguir:

Figura 12 - Esta imagem do mapa de Al-Andalus faz parte do vídeo que elaboramos para compor o material.

**Bem-Vindo a Al-Andalus!**

Preparamos um vídeo de apresentação para você!

Como puderam perceber, selecionamos dentre as imagens os principais centros que compunham o vasto território de al-Andalus. Mas o nosso foco e recorte se limita à região de Córdoba, lugar que se tornou a capital do Emirado Independente, posteriormente, do Califado e grande referência econômica, social e cultural. Também foi na região de Córdoba, que o primeiro Califá, Abd al-Rahman III, mandou edificar a cidade de Medinat al-Zahra, um grande marco para o seu califado. Contaremos melhor esta história!

Fonte: Autora.

Ainda nessa seção, inserimos comentários e curiosidades sobre a temática, com a finalidade de estabelecer identificação entre o conhecimento prévio do aluno com o conteúdo proposto, como apresentamos na imagem a seguir:

Figura 13- Curiosidades.



Fonte: Autora.

Para apresentar a abrangência do islã na vida dos fiéis, inserimos uma subseção denominada “**O Direito Islâmico em Al-Andalus**”, com o intuito de esclarecer sobre a organização social baseada tanto na lei, como no Alcorão, demonstrando como o islã está, também, intrinsecamente relacionado à organização cultural, social, política e econômica.

Como pode ser observado a seguir:

Figura 14- Seção O Direito Islâmico em Al-Adalus.

### O Direito Islâmico em Al-Andalus

Abrimos este espaço a fim de que você possa melhor compreender a organização adotada em al-Andalus. Não vamos apresentar a aplicabilidade juridicamente da lei islâmica, mas sim, iremos discutir como ela delineou as estruturas sociais que se refletiram na construção da cidade de Medinat al-Zahra.

Precisamos ter em mente que a população existente neste território era heterogênea que até então vivia sobre as leis romanas e visigodas. Não necessariamente a conquista pelos berberes e os anos de Valiato mudaram por completamente as leis que ali já existiam, pois padrões já estabelecidos levaram um longo tempo para serem desconstruídos e a nova estrutura - de um único poder político, sob uma única religião – demorou ser assimilada pelas gerações.

Os aspectos religiosos e a lei islâmica estavam ligados entre si e tiveram bastante influência na construção da identidade dos povos de al-Andalus. Por isso que algumas questões pessoais, contratuais, criminais, ainda levariam em sua estrutura resíduos da legislação já existente antes da conquista islâmica. A lei islâmica originada no Oriente, com base no Alcorão, mas estruturada em doutrinas ou escolas jurídicas, foi aproveitada para compor a utilizada em al-Andalus.

Quanto mais os andaluzes se aproximavam e conheciam o islã, mais as leis trazidas do Oriente, de Damasco, se tornavam natural; além disso, ao se tornar um emirado independente, leis e atividades jurídicas se moldavam à heterogeneidade daquela sociedade que adotariam o árabe como sua língua e o islã como sua religião oficial.

Contudo, é importante destacar como o Islã foi fundamental para a organização e estruturação social dos muçulmanos na Península Ibérica.

Referência:

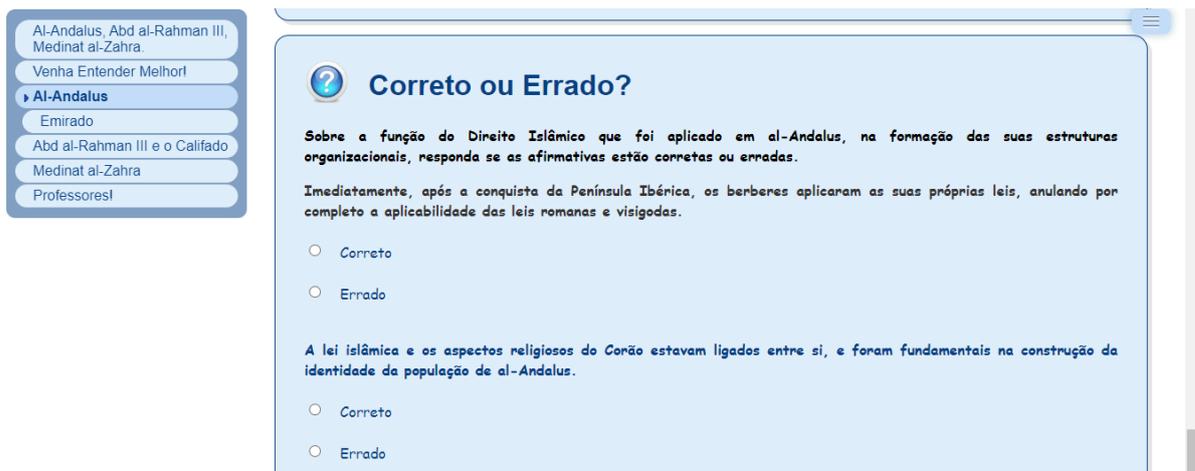
CAMPOY, María Arcas. Consideraciones sobre la sociedad andalusí y el derecho islámico (en breves pinceladas diacrónicas). San Cristóval de La Laguna, Espanha, *Estudios de Historia de España*, n. 17, p. 111-130, 2015.

Fonte: Autora.

Nesta parte, foram elaborados quatro tipos de atividades diferentes, sendo elas atividades de “**Preenchimento de Espaços**”, “**Drop-Down**”, “**Múltipla Escolha**” e “**Perguntas de Correto ou Errado**”. Em seguida, o aluno terá uma “**Tarefa**”, que deverá ser respondida em seu caderno.

Essas atividades foram elaboradas com a finalidade de fazer com que o aluno interprete o texto, e também dê a devida atenção às informações entre o espaço e o tempo. A intenção desses exercícios propostos, é o de criar uma relação próxima e objetiva entre o aluno e o conteúdo, já que entendemos que essa temática não faz parte do senso comum, e por isso, é necessário que se estabeleça, inicialmente, uma conexão entre o tempo, os personagens e a localidade. Nas Atividades, o aluno terá um retorno imediato das correções, caso eles acertem ou errem as questões.

Figura 15 - Nesta atividade se o aluno acerta a questão ele recebe imediatamente um retorno. Se ele erra, aparece apenas a mensagem ERRADO.



Fonte: Autora.

Já na segunda parte, contextualizamos a história do **Emirado**. Como é um período muito extenso da história dessa região (756 a 929), optamos por selecionar duas etapas históricas. Na primeira, tratamos do início do Emirado, na Península Ibérica, com a chegada do descendente dos Omíadas de Damasco, Abd al-Rahman I, em 756, ficando à frente do governo até 788, quando estabeleceu o Emirado Independente. Na segunda, abordamos a época do conturbado emirado de Abd Allah I (888-912), conhecido como emir fraticida, que quase colocou fim à hegemonia Omíada naquele território, e que antecedeu a Abd al-Rahman III, o primeiro Califa de al-Andalus, responsável, dentre outros feitos, por ordenar a construção de Medinat al-Zahra.

Figura 16 - Criamos esse quadro com imagens dos Emires com a intenção de deixar em evidência que houveram outros emires.



Fonte: Autora.

Sobre as atividades construídas, fizemos uma chamada “**Lista Desordenada**”, em que os alunos deverão colocar os eventos em ordem cronológica dos acontecimentos; isso ajudará na compreensão e organização temporal do conteúdo apresentado. Outra atividade proposta é de questões de “**Múltipla Escolha**”, um método muito utilizado tanto nas avaliações bimestrais das escolas, bem como nas avaliações propostas pelo governo. Portanto, será uma maneira de condicionar os alunos a realizarem esses tipos de atividades. Também propusemos uma atividade de “**Escolha Múltipla**”, na qual oferecemos mais de uma questão para ser selecionada, o que exige atenção ao texto e boa interpretação do conteúdo e do contexto. Por fim, para fixar o conteúdo, o aluno terá uma “**Tarefa**”. Veja a imagem a seguir:

Figura 17- Tarefa escrita para ser realizada no caderno.

Al-Andalus, Abd al-Rahman III, Medinat al-Zahra  
 Venha Entender Melhor!  
 Al-Andalus  
 Emirado  
 Abd al-Rahman III e o Califado  
 Medinat al-Zahra  
 Professores!

**Tarefa**

Agora, responda em seu caderno:

**1- Sobre o Emirado Independente de Córdoba, identifique e cite as principais características dos emirados de Abd al-Rahman I e Abd Allah I.**

**2- Quando ocorreu e o que foi o movimento Mártires de Córdoba?**

Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0](#)

« Anterior Seguinte »

Esta imagem mostra uma interface de uma tarefa. À esquerda, há um menu de navegação com opções como "Al-Andalus, Abd al-Rahman III, Medinat al-Zahra", "Venha Entender Melhor!", "Al-Andalus", "Emirado", "Abd al-Rahman III e o Califado", "Medinat al-Zahra" e "Professores!". À direita, há um título "Tarefa" e o texto "Agora, responda em seu caderno:". Abaixo disso, há duas perguntas numeradas em um fundo de uma paisagem histórica. A primeira pergunta pede para identificar e citar as principais características dos emirados de Abd al-Rahman I e Abd Allah I. A segunda pergunta pergunta quando ocorreu e o que foi o movimento Mártires de Córdoba. Na base da interface, há uma barra de navegação com "« Anterior Seguinte »" e uma licença de Creative Commons.

Fonte: Autora.

### 2.3.2 Abd al-Rahman III e o Califado

Dando seguimento ao conteúdo, na aba **Abd al-Rahman III e o Califado**, fizemos uma espécie de compilado da história referente ao período em que ele se tornou emir, a fim de situar o leitor sobre o desenrolar dos episódios que antecederam a sua autoproclamação como califa. Utilizamos de comentários pontuais sobre o assunto, a fim de elucidar e trazer, de forma pontual, novas informações.

Observem, na imagem seguinte, que os comentários são destacados por uma imagem de um cérebro e uma lâmpada, e as cores do texto foram alteradas.

Figura 18 - As imagens das lâmpadas representam ao longo do OA comentários realizados por nós com a finalidade de trazer novas informações para a temática.

Al-Andalus, Abd al-Rahman III, Medinat al-Zahra

Venha Entender Melhor!

Al-Andalus

Abd al-Rahman III e o Califado

Medinat al-Zahra

Professores!

Os Fatímidas formaram uma dinastia berbere e xiita, que governou o Norte da África. De origem árabe, teve como precursores os descendentes e partidários de Fátima, filha do profeta, que foi casada com Ali.

Destaque: BERBERE é uma etnia e XIITA é uma perspectiva religiosa.

Para saber mais sobre o assunto, peça para que o seu professor compartilhe com vocês o texto disponibilizado na aba "Professores", na parte Material Complementar 2.

Lembrando que os Omiadas eram sunitas e, portanto, a ameaça dos Fatímidas era algo que deveria ser combatido imediatamente.

O papel desempenhado por Abd al-Rahman III para combater essas ameaças, foi o de fortalecer as fronteiras ao norte da Península, empurrando os cristãos para os seus territórios, lutando fortemente contra os grupos opostos aos omíadas, os grandes responsáveis por parte dos conflitos internos e, por fim, considerando a grande ameaça dos Fatímidas e a expansão das suas forças para outros territórios, se autoproclamou Califa, em 929, atitude que teve grande aceitação e apoio popular.

Fonte: Autora.

Em seguida, abordamos a temática do Califado que vai desde a autoproclamação de Abd al-Rahman III, passando pelos seus principais feitos como governante, dando destaque a sua figura como exímio combatente, líder político e religioso. Esse assunto, dá abertura para tratarmos, de fato, a respeito da cidade de Medinat al-Zahra.

Apresentamos dois tipos de atividades, sendo uma de “**Múltipla Escolha**” e a outra uma “**Tarefa**”. Nessa última, o aluno deverá responder em seu caderno, as cinco questões, de forma dissertativa, de acordo com o que foi apresentado no texto. Essas mesmas questões, serão corrigidas em sala de aula, com o apoio do professor.

### 2.3.3 Medinat al-Zahra e A Cidade Arqueológica

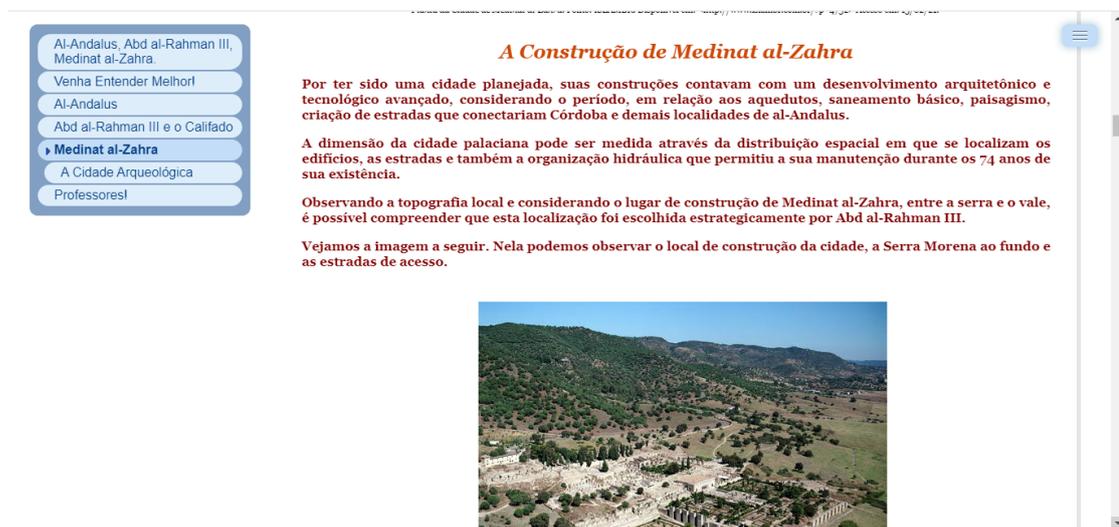
A aba **Medinat al-Zahra** está dividida em duas partes. A primeira é composta por um texto intitulado “Venha Conhecer Medinat al-Zahra”, em que contamos a história da cidade e qual era o seu significado para aquela época. Com os subtítulos “A Construção de Medinat al-Zahra” e “Legitimação e Cultura”, ilustramos com imagens dos achados arqueológicos, e explicações de como se deu a sua edificação, além de quais tipos de materiais foram utilizados. Vejamos as imagens a seguir:

Figura 19- Primeira Parte: Venha Conhecer Medinat al-Zahra.



Fonte: Autora.

Figura 20- Segunda Parte: A Construção de Medinat al-Zahra.



Fonte: Autora.

Ao final das explicações, os estudantes terão acesso às atividades de “**Múltipla Escolha**” e de assinalar “**Certo ou Errado**”. Antes de finalizar, os alunos deverão realizar duas “**Tarefas**”, sendo uma que exigirá que ele responda as questões de maneira dissertativa, e a outra será um quebra-cabeça a partir de uma imagem da cidade arqueológica. Para montar o quebra-cabeça, é necessário o acesso à internet.

Vejamos as imagens a seguir:

Figura 21 - Tarefa nº 1, questão dissertativa.

The screenshot shows a digital task interface. On the left, there is a vertical menu with several options: 'Al-Andalus, Abd al-Rahman III, Medinat al-Zahra', 'Venha Entender Melhor!', 'Al-Andalus', 'Abd al-Rahman III e o Califado', 'Medinat al-Zahra' (highlighted with a blue arrow), 'A Cidade Arqueológica', and 'Professores!'. To the right of the menu, the title 'Tarefa' is displayed with two eye icons. Below the title, the instruction reads '1 - Responda em seu caderno:'. A yellow text box contains the question: 'Diante do que foi exposto no texto, acerca da construção de Medinat al-Zahra, aponte como se deu o processo de edificação da cidade palaciana, considerando os materiais utilizados na sua estrutura e o que motivou a sua construção.' Below the text box is a photograph of the ruins of Medinat al-Zahra, showing a series of arches and stone walls.

Fonte: Autora.

Figura 22 - Tarefa nº 2, quebra-cabeça.

The screenshot shows a digital task interface. On the left, there is a vertical menu with several options: 'Al-Andalus, Abd al-Rahman III, Medinat al-Zahra', 'Venha Entender Melhor!', 'Al-Andalus', 'Abd al-Rahman III e o Califado', 'Medinat al-Zahra' (highlighted with a blue arrow), 'A Cidade Arqueológica', and 'Professores!'. To the right of the menu, the instruction reads '2- Vamos exercitar a mente? Veja a imagem a seguir:'. Below the instruction is a photograph of a decorative archway with intricate geometric patterns. Below the photograph, the text asks: 'E aí! Consegue montar essa imagem através de um quebra-cabeça? Basta clicar no quadro a seguir e você será direcionado para a página.' Below this text, there is a black rectangular box with the text 'Download File' in white. At the bottom of the interface, there is a note: 'ATENÇÃO: é necessário acesso à internet.'

Fonte: Autora.

Na segunda parte, trazemos o contexto da **Cidade Arqueológica**. Nela, apresentamos o site Amigos de Medina Azahara<sup>5</sup>, bem como imagens de alguns materiais encontrados nas escavações, um vídeo que reconstitui, a partir das descobertas, a cidade califal, e também tratamos da importância desse Patrimônio e da sua preservação, demonstrando, dessa maneira, como os achados arqueológicos são fundamentais para a compreensão da nossa história como seres humanos.

Podemos observar na imagem a seguir:

Figura 23- Sobre a Cidade Arqueológica.



Fonte: Autora.

A fim de trazer mais interatividade, convidamos os alunos para fazer um *tour* pela cidade arqueológica de Medinat al-Zahra, através do Google Maps.

<sup>5</sup> Para saber mais sobre o site Amigos de Medina Azahara acesse: <https://www.amigosdemedinaazahara.com/> Acesso em 28 de jun. 2021.

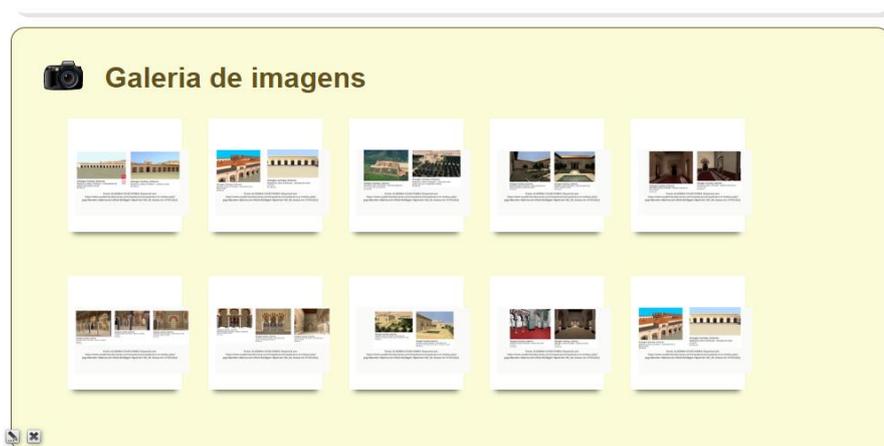
Figura 24 - A Cidade Arqueológica pode ser vista através do Google Maps.



Fonte: Autora.

Ainda, para complementar os estudos, montamos uma “**Galeria de Imagens**” com algumas ilustrações reconstruídas da cidade palaciana, um trabalho realizado por Antonio Almagro Gorbea.

Figura 25 - Galeria de Fotos da cidade palaciana.



Fonte: Autora.

As atividades propostas ao longo do nosso trabalho, que se apresentam de maneira objetiva, aparentam ser simples e superficiais quando consideramos o público para qual elas são direcionadas. Considerando que, por se tratar de um assunto completamente novo dentro do universo do adolescente, é preciso fazer com que os alunos tenham intimidade com o tema

apresentado e que eles construam referências, procurando relacionar o aprendizado e o conteúdo com situações do seu dia a dia, o que facilita a sua compreensão.

Ademais, buscamos complementá-las através de Tarefas, as quais permitem que o aluno reflita sobre o conteúdo, e responda às questões em seu caderno, um material que ficará constantemente com ele e, assim, não precisará ter acesso direto ao *software* do *exelearning*.

A finalidade dessas atividades, é a de compensar a deficiência da ferramenta escolhida para esse trabalho, que não permite que respostas dissertativas sejam inseridas durante a realização dos exercícios. Desse modo, elaboramos algumas questões que podem ser trabalhadas pelo professor a seu critério, podendo ser utilizadas ao final de cada aula, ou ao final de todo o conteúdo estudado, como uma forma de avaliação.

### 2.3.4 Professores!

Por fim, a última aba foi criada para os professores. Nela, esses profissionais poderão ter acesso a materiais complementares, como textos de revisões bibliográficas, que foram utilizados para a composição desse trabalho e indicações de outras leituras. A finalidade dessa aba, é auxiliar o professor na construção do seu conhecimento e prepará-lo para conduzir e direcionar o conteúdo para os alunos.

Figura 26 - Boas-vindas aos professores.

The screenshot shows a web application interface. On the left, there is a vertical sidebar menu with several items: 'Al-Andalus, Abd al-Rahman III, Medinat al-Zahra', 'Venha Entender Melhor!', 'Al-Andalus', 'Abd al-Rahman III e o Califado', 'Medinat al-Zahra', and 'Professores!' (which is highlighted with a blue background and a white arrow). The main content area has a blue header with the title 'Professores!'. Below the header, there is a large heading 'Olá Professores!' followed by a paragraph of text: 'Colegas professores! Este espaço foi pensado para colaborar com o seu trabalho, de modo a fazer com que vocês tenham acesso a um material complementar e que constituam uma base sólida sobre o conteúdo apresentado.' Below this, there is another paragraph: 'Quando abordamos a temática História Ibérica, o conhecimento acadêmico e escolar nos leva a um recorte físico e temporal relacionado a Península Ibérica de forma específica ao reino de Portugal e ao reino da Espanha e o respectivo processo de colonização efetuado por esses reinos na Idade Moderna, principalmente. Já, quando se trata da presença islâmica na Península Ibérica, fala-se do processo de Reconquista, tendo como perspectiva a existência de um conflito do qual gerou vencedores - os cristãos, como se fosse uma unidade coesa- e os vencidos - os islâmicos. Pouco ou nada se apresenta sobre a presença e o legado cultural cunhado/impresso/marcado pelos muçulmanos ao longo da presença deles, como dominadores em várias partes daquele território.' A third paragraph follows: 'No âmbito escolar, a dificuldade de compreender a presença da cultura islâmica na Península Ibérica durante a Idade Média, se esbarra na falta de acesso a materiais que apresentem esse assunto. Uma primeira dificuldade a encontramos na língua: em sua maioria os livros e artigos estão em língua espanhola, são raríssimas as informações em português, principalmente se estivermos buscando materiais a serem utilizados com alunos do ensino médio. A segunda dificuldade se manifesta no fato das publicações ficarem restritas ao meio acadêmico em estudos pontuais, sobre o islã na Península Ibérica.' The final paragraph reads: 'Foi pensando nessa barreira linguística de acesso a materiais e aos conteúdos relacionados a nossa temática que, confeccionamos este espaço, com a finalidade de que sirva de repositório, para que vocês tenham acesso às pesquisas e produções acadêmicas de atualizar durante o curso de Mestrado de Programa de Pós-Graduação em História Ibérica -'.

Fonte: Autora.

Figura 27- Seções com materiais complementares.

The image shows a digital interface for a learning object. On the left is a vertical sidebar menu with several items: 'Al-Andalus, Abd al-Rahman III, Medinat al-Zahra.', 'Venha Entender Melhor', 'Al-Andalus', 'Abd al-Rahman III e o Califado', 'Medinat al-Zahra', and 'Professores!' (highlighted with a blue arrow). The main content area is titled 'Material Complementar 1'. It contains a paragraph in Portuguese: 'Colegas, vocês encontrarão aqui Revisões Bibliográficas de artigos que foram produzidos no exterior. Estes artigos foram utilizados como base para a construção dos conteúdos desse Objeto de Aprendizagem. Espero que estes materiais possam auxiliá-los na condução da temática. Os textos estão em Língua Portuguesa.' Below this is a dark grey box containing a list of five bibliographic reviews in Spanish, each with its title and author.

Fonte: Autora.

## 2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este OA foi construído com a finalidade de proporcionar, tanto para os alunos, como para os professores, um acesso facilitado, através de uma plataforma simples e gratuita, que pode ser utilizada em escolas particulares ou públicas. Quanto à escolha do tema, a cidade de Medinat al-Zahra é o reflexo da riqueza histórica e cultural de uma civilização que dominou a Península Ibérica, por quase oito séculos, sob o regime islâmico. Esse cenário se apresenta como um contraponto para a nossa percepção dos dias atuais sobre o islã, que devido ao nosso pouco conhecimento sobre o assunto, nos deixamos levar pelo preconceito de que os muçulmanos são povos violentos, conservadores e atrasados.

Dessa maneira, deixamos através desse OA, a nossa contribuição para a desconstrução do preconceito e construção do conhecimento.

Na Parte II, intitulada *Os Reflexos Culturais e Tecnológicos Islâmicos em Medinat al-Zahra, no século X*, iremos tratar da parte histórica que fundamentou o nosso trabalho. Nela temos uma discussão bibliográfica embasada em livros e artigos, tendo como fio condutor, autores como Maribel Fierro e Antonio Vallejo Triano, além de uma crítica acerca da falta de materiais em língua portuguesa, que tratam da temática.

## **PARTE II**

### **3 OS REFLEXOS CULTURAIS E TECNOLÓGICOS ISLÂMICOS EM MEDINAT AL-ZAHRA**

### 3.1 INTRODUÇÃO

Falar dos reflexos culturais e tecnológicos islâmicos em Medinat al-Zahra, é contar dentro de um contexto de quase oito séculos, sobre uma parte de toda uma história acerca da presença e domínio muçulmano em al-Andalus, datado de 711 até 1492.

A escolha do período – século X – e da localização – Medinat al-Zahra – é justamente para abordar uma história dos tempos áureos, principalmente na questão cultural, em que o islã era fundamental na estruturação daquela sociedade heterogênea, formada por diferentes grupos, dentre eles cristãos e judeus, que de certo modo, tiveram uma boa convivência com os muçulmanos. E também, é discorrer sobre a existência de um Califado na Península.

A Península Ibérica é um espaço geográfico que, em nosso tempo, é mundialmente conhecido pela sua história, cultura e construções arquitetônicas que se tornaram objeto de estudo de inúmeros pesquisadores e pontos de atração de milhares de turistas todos os anos. No entanto, embora sejamos também herdeiros da cultura ibérica, pouco ou quase nada do passado medieval é conhecido no universo escolar brasileiro, em específico da cultura vivenciada nesse tempo, no território dominado pelos muçulmanos – al-Andalus.

Apesar dos avanços nos estudos e nas pesquisas, apontarem para a grande influência que os muçulmanos tiveram no desenvolvimento, na produção e na divulgação de áreas como Filosofia, Matemática, Medicina e Astronomia, ainda vemos movimentos que insistem em caracterizar esses povos como atrasados, fora o *status* de violência que o tempo todo é atribuído a eles. Ainda não vemos em nossos currículos, menções sobre essas atribuições, que em grande parte, foram essenciais para conectar a cultura do mundo antigo ao mundo medieval europeu. Um caso clássico, que talvez, poucos saibam, é que Aristóteles e seus escritos só ficaram conhecidos no Ocidente, graças às traduções para a língua árabe realizadas pelos muçulmanos, em grande parte, na Península Ibérica, no decorrer do século XIII<sup>6</sup>. Também podemos apontar a obra “Cânone da Medicina”, produzida pelo polímata Avicena, no século XI, que foi utilizada como material de referência, também no Ocidente, até o século XVII<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Indicação de leitura para maiores informações sobre as traduções: VEGAS GONZALEZ, Serafin. **La Escuela de Tradutores de Toledo en la historia del pensamiento**. Toledo: Imprenta Serrano, 1998.

<sup>7</sup> No século XI, o polímata persa Ibn Sina (980-1037), ou Avicena, escreveu o Cânone da Medicina que está organizado em cinco livros, distribuídos da seguinte forma: princípios básicos da medicina, medicamentos farmacológicos, doenças específicas de cada órgão, doenças em geral e como elas afetam o corpo e, por fim, o quinto livro trata da utilização dos remédios e seus efeitos. Sua tradução para o latim veio a ocorrer no século XII e foi realizada por Gerard de Cremona e, desde então, ele passou a fazer parte do currículo dos estudantes de medicina, no Ocidente, até o final do século XVII. Para saber mais sobre o assunto, acesse Biblioteca Mundial Digital, O Cânone da Medicina. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/15431/>. Acesso em: 28 de ago. 2021.

O domínio e a presença muçulmana na Península Ibérica, proporcionaram àquela região, antes dominada plenamente pelo cristianismo, mudanças significativas na estrutura cultural, social e econômica, expressas, entre outras formas, na linguagem, nos costumes, na culinária, nas técnicas de cultivo e irrigação, e também, na arquitetura. Posteriormente, essas mudanças se disseminariam por toda a Europa, e se tornariam herança cultural para as colônias portuguesas e espanholas, principalmente na América.

As transformações culturais e sociais que ocorreram na Península Ibérica, desde o início da conquista islâmica, não foram resultado de rupturas bruscas com a cultura que precedeu a chegada muçulmana. Podemos observar essa questão sob a ótica da organização da estrutura de governo, que se instalou sendo totalmente embasada e fundamentada nos preceitos do islã, ou seja, o cotidiano daquela civilização, refletia os costumes da religião islâmica. Apesar disso, há de se considerar que elementos da cultura e da estrutura governamental visigoda e romana, foram adotadas pelos muçulmanos, já que eles não poderiam romper completamente com toda a organização já existente naquele espaço e tempo<sup>8</sup>.

Durante esse período, o processo de conversão para o islã, foi um movimento natural, e não compulsivo. Diferentemente de como ocorria com os cristãos durante o período Carolíngio, que subjugavam aqueles que se recusavam a aceitar o cristianismo.

Não podemos deixar passar que, não obstante a convivência entre cristãos, judeus e muçulmanos, o emirado Omíada sofreu graves ameaças e quase chegou a ser destruído durante o governo do emir Abd Allah I, avô de Abd al-Rahman III (PANADERO DELGADO, 2018). É durante o governo de Abd al-Rahman III (a partir de 912), que podemos observar o fortalecimento das estruturas governamentais e o florescimento cultural, que será expressado na construção da cidade de Medinat al-Zahra, a qual tornou-se a capital do Califado, em al-Andalus.

Abd al-Rahman III (890-961), herdeiro dos omíadas de Damasco (661-750), tornou-se emir de Córdoba aos vinte e um anos, em 912, sucedendo seu avô. Nos primeiros anos como emir, deparou-se com um governo desestabilizado, principalmente em relação aos militares. Dessa forma, ele unificou as tropas para combater os avanços cristãos vindos do norte da Península, que ameaçavam a estabilidade do emirado. Foi muito bem-sucedido nas suas campanhas, apesar das forças cristãs do Norte ainda continuarem avançando sobre as fronteiras. Além disso, o seu emirado sofreu graves ameaças provocadas pela proclamação do califado

---

<sup>8</sup> Para ampliar o conhecimento sobre a presença muçulmana na Península Ibérica, ver: MANZANO MORENO, Eduardo. **Conquistadores, Emires e Califas: los omeyas y la formación de al-Andalus**. Barcelona: Critica, 2011.

Fatímida, em 909, por bérberes xiitas, no norte da África, e que devido à sua proximidade territorial com al-Andalus, ameaçava a autonomia dos omíadas, fato que contribuiu para que se autoproclamasse como Califa<sup>9</sup> de Córdoba, no ano de 929, legitimando-se como líder do islã. Tal atitude deu a ele enorme prestígio entre os muçulmanos da península e, também, foi uma forma de demonstrar aos abássidas, em Bagdá, e aos Fatímidas, que o domínio dos Omíadas era um califado legítimo.

A saber, Califado é um modelo de governo islâmico, tendo como principal governante a figura do Califa, que é o substituto de Maomé, sendo um líder temporal e espiritual. Os quatro primeiros califas foram pessoas próximas a Maomé. Adailson José Rui (2020), em seu trabalho intitulado “*Abd al Rahman III: a implantação do califado e a construção de Medinat-al-Zahra como centro de poder em al Andalus*”, expõe:

Abu Bakr (632-634) e Omar (634-644) foram seus sogros; Otman (644-656) foi genro e Ali (656-661) primo e genro do Profeta. No entanto, o que fez com que cada um em seu momento fosse nomeado califa, não foi a relação de proximidade familiar, mas sim, a aceitação e a dedicação ao islã manifestada por eles. [...] A relação de proximidade, tanto no sentido de ter estado com o Profeta e o acompanhado ao longo de sua peregrinação, como integrante de sua família, em virtude de alianças matrimoniais, deixou de existir quando, o governador da Síria, Moawiya (661-680) pertencente ao clã Omeya e parente próximo de Otman, o terceiro califa, assumiu a liderança da comunidade islâmica sucedendo Ali e dando origem a dinastia Omeya, nome herdado de seu avô paterno Jattab ibn Umayyah. Tal dinastia manteve o poder até 750, quando o perdeu para a dinastia abássida (RUI, Adailson José, p.54 e 55, 2020).

A extensão da dinâmica cultural e tecnológica do Califado de Córdoba, considerando o islã como o propulsor da organização da estrutura social, cultural, política e econômica, pode ser compreendida através de estudos historiográficos e arqueológicos sobre a cidade de Medinat al-Zahra. Localizada a aproximadamente cinco quilômetros de Córdoba, sua construção foi ordenada por Abd al Rahamn III, entre os anos de 936 e 940 – as fontes não são exatas quanto a essa data – quase duas décadas após ter se autoproclamado califa. A construção da cidade palaciana, tinha como finalidade, além da demonstração de legitimidade do poder, dar uma nova sede administrativa ao Califado, um local de onde se poderia governar, sem ter que se preocupar com as possíveis ameaças de tomada de poder pelos próprios familiares, como já havia ocorrido durante o emirado de Abd Allah. Além disso, a cidade foi construída em lugar estratégico, a fim de evitar invasões e ameaças de grupos internos, contrários à administração omíada, e invasões externas, provocadas principalmente pelos Fatímidas.

Em Medinat al-Zahra, o poder estava centralizado na figura do Califa. Além disso, ela foi projetada para abrigar as casas dos dignitários, tendo recebido também o conjunto de órgãos administrativos.<sup>10</sup> A cidade, ao longo de seus 74 anos de existência, tornou-se, conforme relatado pelos cronistas árabes, o esplendor do Califado<sup>11</sup>.

Por ter sido uma cidade planejada, suas construções contavam com um desenvolvimento arquitetônico e tecnológico avançado, que vão desde o tratamento dado às pedras, que são as bases para a sua edificação, passando pelos aquedutos; ao que chamamos hoje de saneamento básico; paisagismo; criação de estradas que conectariam Córdoba à demais localidades de al-Andalus, até os detalhes entalhados nas paredes, nas pilastras e capiteis, realizados manualmente.

No que tange à historiografia, podemos notar uma defasagem de estudos em relação à civilização islâmica na Península Ibérica. O reflexo desse atraso, em tratar a história de al-Andalus, somado ao preconceito acerca do islã (que se intensificou nas últimas décadas pelo mundo), pode justificar a falta de acesso, e também de interesse das pessoas sobre essa civilização. Acreditamos que cabe às universidades proporcionar, por meio da produção de conhecimento, o acesso a materiais que visam atingir o ensino básico comum, a fim de evitar que preconceitos sejam disseminados, e principalmente, enriquecer os debates e contribuir para a formação não só cognitiva, mas também pessoal, dos alunos e professores.

### 3.2 AL-ANDALUS

A primeira dificuldade em trabalhar com a história de al-Andalus, está em encontrar materiais, em língua portuguesa, que tratem de maneira mais aprofundada essa temática. Por isso, para a realização deste trabalho, foi preciso recorrer a inúmeros periódicos internacionais, focando principalmente, nos trabalhos publicados na Espanha.

Para a condução desta pesquisa, usamos como base algumas produções da historiadora Maribel Fierro, que abrange o contexto histórico de al-Andalus, e também de trabalhos realizados por Antonio Vallejo Triano, mais especificamente sobre a arqueologia de Medinat al-Zahra. Ainda, contamos com produções de outros pesquisadores, que ajudaram a embasar e trouxeram grandes contribuições para o Objeto de Aprendizagem.

---

<sup>10</sup> Amigos de Medina Azahara. Disponível em: <http://www.amigosdemedinaazahara.com/>. Acesso em: 26 de jul. 2020.

<sup>11</sup> *Muqtabis*, de Ibn Hayyan, é uma das principais referências que tratam de Medinat al-Zahra.

### 3.3 SOBRE AS FONTES

As fontes históricas são as principais ferramentas para o desenvolvimento do trabalho realizado pelo historiador. Servem como um ponto de apoio para a construção de um objeto histórico, tendo o historiador o papel de mediador. Sem elas, corremos o risco de elaborar conteúdos duvidosos, embasados apenas em suposições, existindo grandes chances de cairmos em anacronismos e omissões.

Para Maribel Fierro (2017), por muito tempo, as fontes históricas referentes à al-Andalus, estiveram sujeitas a interpretações distintas, considerando a vivência de quem as produziu. Entre os séculos XII e XIII, os cristãos fizeram uso de fontes árabes para escrever sobre a história da Península Ibérica, prática que, no século XIX, influenciaria a formação de um núcleo universitário focado no arabismo, com a finalidade de traduzir e estudar as fontes árabes. Ainda destaca que não houve o mesmo interesse da parte árabe-islâmica em construir narrativas sobre o período de domínio muçulmano peninsular, salvo em alguns casos de pesquisadores egípcios e norte africanos.

Apesar disso, a autora aponta a dificuldade em “integrar el estudio de las distintas narrativas sobre la historia medieval peninsular” (FIERRO, 2017, p.178), provocada pela falta de formação de um corpo profissional especialista nessa área, já que a história de al-Andalus ainda não é uma área que desperta muito interesse dos pesquisadores espanhóis, como assinala.

Acerca das investigações utilizando fontes árabes, Mohamed Meouak (2004) procurou sistematizar a historiografia de Medinat al-Zahra, a fim de auxiliar pesquisas, que envolvam os achados arqueológicos da cidade palaciana. Para isso, através da historiografia árabe, ele utiliza três textos, para demonstrar as estruturas das formas como são descritas e as técnicas de transmissão.

O autor destaca a questão da quantidade de bibliografias que foram produzidas acerca da construção de Medinat al-Zahra, e também sobre o poder dos Omíadas em al-Andalus. Mas também, leva em consideração o que foi frequentemente escrito pelos geógrafos e cronistas árabes.

Em sua análise, Meouak levou em consideração os estudos realizados por A. Labarta e C. Barceló, no ano de 1987, no qual questiona o conceito de fontes árabes, já que a história de Medinat al-Zahra estava embasada numa fonte única. Por isso, buscaram outros tipos e gêneros textuais, ampliando esse conceito. O autor optou por analisar três autores clássicos como Ibn

Hayyan (987/988-1075), por ser o mais antigo e conhecido; Ibn Idari (séc XIII/XIV)<sup>12</sup>, por ser entendido como historiador e partidário dos omíadas e de sua ideologia política; e, por fim, al-Maqqari (1577-1632), já que em suas obras literárias, foram encontrados muitos detalhes sobre o período em questão (MEOUAK, 2004, p. 54). A escolha dessas fontes, se deu pela organização cronológica que pode ser traçada para pesquisar sobre al-Andalus.

O entendimento da historiografia árabe sobre Medinat al-Zahra, perpassa pela historiografia que é construída em torno dos Omíadas, já que a mesma representa grande parte dos detalhes e dos estudos sobre esse período. No entanto, o autor destaca que a historiografia árabe produzida posteriormente ao século X, apresenta algumas tribulações, no que tange à forma utilizada pelos autores em suas produções, e quais foram os seus objetivos na produção dos textos. Sendo assim, é necessário considerar também, que essas produções foram compostas séculos depois da construção da cidade califal. O objetivo de Meouak é o de compreender como os árabes relataram os aspectos de Medinat al-Zahra em suas obras.

A obra *Muqtabis*, de Ibn Hayyan é um clássico, em relação aos estudos bibliográficos sobre a cidade e as atuações do califa<sup>13</sup>. Por essa razão, faz-se necessário considerar sua importância dentro da questão relacionada aos textos árabes. Meouak destaca a biografia de Ibn Hayyan, já que ele nasceu no final do século X, entre os anos de 987-988, em Córdoba, e sua família tinha uma relação com Almanzor. Portanto, ele tinha contato e conhecimento sobre como funcionava a administração omíada, e por isso, a sua escrita pode ter sido influenciada, já que na sua obra, fica evidente seu partidarismo pelas estruturas omíadas.

Para Meouak, na obra *Muqtabis*, fica evidente o objetivo do autor Ibn Hayyan, que foi o de produzir “un libro que fuera una panegírico pro-omeya y una apologia de su poder frente a la *fitna* de principios de siglo V/XI” (MEOUAK, 2004, p. 56). Ainda, aponta a influência que os textos de Ahmad al-Razi e de Isa b. Ahmad al-Razi tiveram na construção de seu livro.

Ao dar seguimento à sua análise, o autor aponta a obra *Bayan*, cujo autor é Ibn Idari. Escrita por volta do ano de 1312<sup>14</sup>, a obra não foi muito explorada pela historiografia oficial. Sua composição segue quase a mesma métrica de *Muqtabis*, e no entanto, o autor ressalta que parte das fontes utilizadas por Ibn Idari não podem ser comprovadas. O texto acaba por complementar o que havia sido escrito, em um primeiro momento, por Ibn Hayyan. Essa

<sup>12</sup> Sabe-se que Ibn Idari produziu sua obra *Bayan* entre os anos de 1312 e 1313, porém, ainda não há registros de seu nascimento e morte.

<sup>13</sup> Para maiores informações, ver obra: IBN HAYYÂN. **Muqtabis V**. Crónica del Califa Abderrahmân III an-Nâsir entre los años 912 y 942. Ed. e tradução de M<sup>a</sup> Jesús Viguera e Federico Corriente, Zaragoza: Anubar, 1981.

<sup>14</sup> O autor não aponta concretamente as origens de Ibn Idari. Apenas destaca que o autor de *Bayan*, era *cadi* de Fez (Marrocos).

questão foi evidenciada por Meouak, que apontou a problemática das obras escritas posteriormente, sobre Medinat al-Zahra, as quais apresentam “un mismo modelo, de una misma fuente, de un mismo conjunto de datos, los tomados al *Muqtabis* en particular” (MEOUAK, 2004, p.56).

Enquanto as duas primeiras obras analisadas tinham cunho histórico, com al-Maqqari a análise foi feita a partir de sua obra literária. As origens da cidade de Medinat al-Zahra não eram um assunto, a priori, para autores desse gênero. O autor adverte que o detalhamento acerca da cidade palaciana foi feito a partir das experiências de al-Maqqari como escritor. Destaca a relação que o literato tinha com o Magrebe; descendente de uma família de intelectuais, seu nascimento data entre os anos de 1577 ou 1591-1592, numa cidade a oeste da Argélia.

A maior parte da sua produção foi dedicada a temas referentes ao Ocidente, o que surpreende Meouak, na questão de que al-Maqqari realizava os seus escritos sobre a cidade califal, ressaltando que não houve informações novas sobre o conjunto. No entanto, a forma como foi detalhada impressiona. O interesse pela literatura de al-Andalus e do Magrebe também foi um fator que pode ter influenciado nos seus escritos, deixando claro que a intenção da produção era literária.

Meouak (2004), destaca que os documentos analisados, em língua árabe, são um conjunto de obras compostas por textos históricos, geográficos e literários. Ressalta que os relatos investigados pela historiografia árabe acerca de Medinat al-Zahra, podem ser apresentados nos documentos, de uma maneira em que os acontecimentos não condizem com a realidade do que foi descrito por um determinado autor. Isso deixa em evidência a necessidade em observar quais foram os autores, o período e as circunstâncias que resultaram na produção do texto ou obra.

En efecto, podemos estar de acuerdo o no en la fórmula siguiente: el escritor se hace con las fuentes de información, luego se transforma en una especie de propietario de dichas fuentes y finalmente termina por manipular por completo lo que es relato de los acontecimientos. Dicho de otro modo, podríamos pensar que la elaboración por escrito y a posteriori de unos eventos llegan a cambiar el verdadero sentido de la historia (MEOUAK, 2004, p. 57).

Assim, para compreender como os textos foram construídos em sua forma e conteúdo, o autor busca apresentar as técnicas de transmissão, as formas de linguagens – estilística – e os fatos apresentados (2004, p.57). Com isso, analisa através dos textos, as referências bibliográficas que foram utilizadas pelos três autores na composição de suas obras, focando em obter apenas as informações referentes ao conjunto califal. Dessa forma, ele procura relacionar

os relatos que foram utilizados na construção das bibliografias com os dados, fatos e materiais, confrontando com os achados arqueológicos, para entender os motivos que levaram à construção da cidade palaciana.

O trabalho de Meoauk contribui para que possamos visualizar como as fontes árabes são tratadas, as quais dão suporte para o entendimento de muitos dos materiais que utilizamos para nos referenciar na construção deste trabalho, sendo necessárias para compreendermos a história de al-Andalus e, principalmente, de Medinat al-Zahra.

### 3.4 A CONQUISTA MUÇULMANA

A conquista da Península Ibérica, em 711, pelo berbere Tariq ibn Ziad, foi reflexo do processo decorrente da chamada Segunda Expansão Muçulmana durante o califado Omíada, que por meio da aproximação com os berberes do norte da África, conseguiram conquistar a península, até então dominada pelos visigodos, herdeiros do antigo Império Romano.

Não houve dificuldades em conquistar aquela região. O reino Visigodo estava enfraquecido, devido à instabilidade política provocada pela disputa de poder entre os filhos de Witza – Áquila e Rodrigo – após a morte do rei godo, em 709, somadas à questão da não liberdade religiosa, à fome e epidemias, que acarretaram em convulsões sociais<sup>15</sup>.

A batalha de Guadalete, ocorrida, segundo alguns autores, em julho de 711, resultou na morte do aspirante ao trono visigodo Rodrigo, pelas tropas de Tariq<sup>16</sup>. Segundo Fierro, Tariq foi apoiado pelos “hijos del rey visigodo que había sido depuesto por Rodrigo” (FIERRO, 2012, p.12) e, por isso, podemos entender que os conflitos internos foram uma das principais causas do enfraquecimento do poder godo, resultando na derrubada do seu reinado.

Os conflitos ocorridos desde a conquista muçulmana, não foram de extrema violência. Ricardo Horacio Shamsuddín Elía, afirma que:

[...] se puede decir que los musulmanes pacificaron la Península en menos de dos años y establecieron un estado islámico integrado por cristianos y judíos que llegó a durar casi ocho siglos, hasta 1492.[...] Los musulmanes no destruyeron nada de lo que había, sino que reconstruyeron las antiguas obras dejadas por los romanos, como puentes y acueductos, erigiendo una “cultura del agua”, y construyeron monumentos maravillosos que han sobrevivido hasta nuestros días (SHAMSUDDÍN ELÍA, 1996, p.4).

<sup>15</sup> Para saber mais sobre o processo de conquista ver: MANZANO MORENO, Eduardo. **Conquistadores, Emires y Califas**. Los Omeyas y la formación de Al-Andalus. Barcelona: Crítica, 2006.

<sup>16</sup> FRIGUETTO, Renan. Hispania Meisera Effecta: a Batalha do Guadalete (711) e a passagem da Antiguidade Tardia à Idade Média. In: GUIMARÃES, Marcela Lopes. **Por São Jorge Por São Tiago! Batalhas e Narrativas Ibéricas Medievais**. Curitiba: Editor UFPR, 2013. p. 19-48.

Era um costume comum dos muçulmanos, durante as conquistas e domínios de outros territórios, sua integração com aquele ambiente, pois era essencial estabelecer relações sociais entre os locais. Desse mesmo modo, na Península Ibérica, fizeram acordos com os nobres locais sobre a questão das propriedades, e também mantiveram a livre expressão do cristianismo e judaísmo, através de pagamento de impostos pela população em geral e pelos herdeiros do trono visigodo.

Aquele território que antes era conhecido como *Hispania*, e que esteve submetido aos costumes romanos e visigodos, passou por profundas transformações ao longo de oito séculos, e foi denominado de al-Andalus.

A denominação al-Andalus, foi criação dos próprios muçulmanos, para se referirem a todo o território conquistado por eles da Península Ibérica. Era inerente à expansão territorial muçulmana levar a religião islâmica como fundamento das estruturas sociais e administrativas.

María Arcas Campoy (2015) nos apresenta como o islã foi primordial na construção da sociedade de al-Andalus. Em um primeiro momento, a ordem social estabelecida foi de caráter militar, considerando a heterogeneidade da população, seguindo parte do direito romano-visigótico. Posteriormente, as bases da sociedade se fundamentariam no islã. Por isso, as primeiras leis eram relacionadas a impostos sobre terras, distribuição de bens e tratado de paz.

Segundo a autora:

Un conjunto humano plural y heterogéneo en muchos aspectos pero aglutinado por un único poder político bajo la cobertura oficial del Islam y la lengua árabe. Es, pues, la sociedad andalusí, en constante transformación a lo largo de la historia, y en cuya formación e identidad también el derecho islámico fue un importante factor, incluso más allá del espacio temporal y geográfico de al-Andalus (ARCAS CAMPOY, 2015, p. 2).

O aspecto legislativo era ligado ao religioso, o qual por sua vez, teve seu papel na construção da identidade dos povos de al-Andalus. Vale ressaltar que a sociedade era formada por muçulmanos originários e convertidos, cristãos e judeus<sup>17</sup>. A lei islâmica ainda estava em construção. Por esse motivo, algumas questões pessoais, contratuais e criminais, ainda levariam, em sua estrutura, resíduos da legislação já existente antes da conquista islâmica. A lei originada no Oriente, com base no Alcorão, mas estruturada em doutrinas ou escolas jurídicas, foi aproveitada para complementar e utilizada em al-Andalus. Quanto mais a

---

<sup>17</sup> Sobre a população em al-Andalus sugerimos, entre outras leituras, a obra: CARRASCO MANCHADO, Ana I; MARTOS QUESADA, Juan; SOUTO LASALA, Juan A. **Al- Andalus**. Madri: Istmo, 2009.

população de al-Andalus se aproximava e conhecia o islã, mais as leis trazidas do Oriente tornavam-se naturais. Além disso, ao ser levado à condição de emirado independente, leis e atividades jurídicas eram moldadas à heterogeneidade daquela sociedade, que adotou o árabe como sua língua e o islã como sua religião oficial (ARCAS CAMPOY, 2015).

Maribel Fierro (2017), destaca como o islã, sendo a base da formação da sociedade de al-Andalus, foi um fator que influenciou no processo de construção da história daquela civilização:

La conquista de gran parte de la Península Ibérica por unos ejércitos formados por árabes y por beréberes de religión musulmana en torno al año 711 es el punto de partida para la escritura de la historia de al-Andalus, es decir, de las sociedades y sistemas políticos que en ella se desarrollaron y uno de cuyos ejes fue el islam como religión. Esa conquista no sólo es el punto de partida sino también el ‘hecho histórico’ fundamental desde distintas perspectivas (FIERRO, 2017, p. 177).

Em 712, houve um aumento expressivo no número de árabes na Península Ibérica. Além dos berberes e árabes, em 741 os sírios desembarcaram na região. Eles foram enviados a mando do Califa de Damasco para o norte da África para conter rebeliões locais contra o aumento de impostos, mas saíram derrotados e parte das tropas fugiu para Ceuta, “donde fueron invitadas a entrar en la península ibérica por el gobernador árabe, que necesitaba su ayuda para hacer frente a la rebelión beréberes andalusíes” (FIERRO, 2012, p.12). Dessa maneira, podemos identificar que, além da população local, diferentes grupos muçulmanos passaram a conviver em al-Andalus.

É importante termos conhecimento da forma como a sociedade de al-Andalus se constituiu, já que, a partir dela, ocorrerá a construção da cidade de Medinat al-Zahra, erguida a mando do califa Abd al-Rahman III.

### 3.4.1 O Emirado

Nos primeiros quarenta e cinco anos da conquista muçulmana, o território de al-Andalus ficou sob o regime de *valiato*, submetido ao Califa Omíada de Damasco<sup>18</sup>. Em 750, os Abássidas conseguem tomar o poder dos omíadas no Oriente, e como consequência, manda assassinar todos os descendentes dessa dinastia. Neste ínterim, Abd al-Rahman I consegue se refugiar com o que sobrou da sua família no Norte da África, e posteriormente, ingressou na

<sup>18</sup> Sugerimos como leitura que auxilia na ampliação de informações sobre esse tema, a obra: CARRASCO MANCHADO, Ana I; MARTOS QUESADA, Juan; SOUTO LASALA, Juan A. **Al- Andalus**. Madri: Istmo, 2009.

Península Ibérica com apoio de partidários. No ano de 756, criou-se um Emirado Independente do Califado de Bagdá e, a partir desse período, a história do emirado nesta região contou com oito emires descendentes dos omíadas de Damasco.

O emirado não passou ileso de conflitos, seja por investidas dos cristãos vindos do Norte, seja por lutas tribais entre os árabes dentro da península ou por conflitos internos dentro do governo – como veremos a seguir – e, posteriormente, pela ameaça Fatímida<sup>19</sup> ao Norte da África.

É importante entendermos a questão da sucessão de poder no emirado Omíada<sup>20</sup> já que ela impactará diretamente na formação pessoal do primeiro califa de al-Andalus, Abd al-Rahman III e, conseqüentemente, na sua forma de governar.

A sucessão hereditária era uma prática da dinastia que se instalou em al-Andalus e foi praticada até o emirado de Muhammad I (852-886). Isso foi alterado quando o emir decidiu nomear, como seu sucessor, não o seu filho mais velho Abd Allah I, mas o segundo na linha sucessória, Al-Mundhir I (886-888). Carmen Panadero Delgado (2018) conta-nos como se deu o desenrolar dessa decisão de Muhammad I. Em um contexto cheio de conspirações e artimanhas, podemos compreender os fatos que antecederam a chegada de Abd al-Rahman III ao poder.

Panadero Delgado (2018) descreve a preferência de Muhammad I por Al-Mundhir, já que esse tinha o respeito do seu povo, pois era muito ativo nas campanhas durante os levantes contra o poder dos omíadas em al-Andalus e tinha muito prestígio como líder. Sua escolha, em 883, como herdeiro e sucessor do pai, despertou grande descontentamento em Abd Allah, em sua mãe Athara e frustrou os planos do vizir Haxim, que era muito influente dentro do governo de Muhammad I e tinha interesses em Abd Allah como emir, pois o considerava manipulável. Athara e Haxim foram os maiores conspiradores contra o governo de Muhammad I e de Al-Mundhir.

A partir dessa decisão, o que veio a seguir foram conspirações que envolveram a misteriosa morte de Muhammad I, após uma visita de Abd Allah I e o oportunismo de Athara, mulher preferida no harém de Muhammad I. Al-Mundhir estava ciente de que havia pessoas interessadas em retirá-lo do poder. Identificando Haxim, mandou prendê-lo e, posteriormente,

<sup>19</sup> Para saber mais sobre os Fatímidas, veja no livro *História Geral da África*, vol. III, no capítulo 12 “O Advento dos Fatímidas”. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000320.pdf>. Acesso em 29 de ago. 2021.

<sup>20</sup> Cabe destacar que a dinastia Omíada, que se instalou em al-Andalus, é descendente do califado de Damasco. Ao tomar Damasco, os abássidas ordenaram a morte de todos os príncipes descendentes dos Omíadas. Abd al-Rahman I (731-788) foi o único da dinastia que conseguiu fugir – com o que restou da sua família – e se instalou ao sul da Península Ibérica, onde construiu um emirado independente do poder dos abássidas.

executá-lo. Também ordenou a prisão dos filhos do vizir, que, por sua vez, mantinham comunicação com Athara para dar continuidade aos planos de transformar Abd Allah em emir. A mesma logo tratou de orquestrar a morte de Al-Mundhir I, que ferido em uma batalha, pediu apoio a Abd Allah para poder dirigir o exército, porém acabou morto, envenenado pelo próprio irmão.

O que se segue após a morte de Al-Mundhir I é a falta de preparo de Abd Allah I em lidar com questões governamentais e de guerras. Isso quase levou ao desaparecimento do emirado em al-Andalus. Como assinala Panadero Delgado (2018):

El emir Abdallāh veía acrecentarse los dominios de Omar a costa de los suyos sin mover un dedo. Él no solía alterar la placidez de su vida cortesana por más que viera desmoronarse su reino. No se le volvió a ver salir de campaña y ni siquiera a cabalgar, no solo porque entre sus inclinaciones no se hallaba tal ejercicio, sino además porque intuía que los cordobeses se partían de risa ante la triste estampa que les brindaba a caballo. Andaba en extremo atento a cualquier rumor que circulase sobre posibles conjuras contra él por parte de sus herederos y familiares cercanos, siempre recelando que alguno tramase su destronamiento de igual modo a como él hizo con su hermano Almondhir, con la diferencia de que en su caso se daban sobradas razones para ello<sup>21</sup>.

Como se não bastasse a falta de preparo do emir fratricida, ele ainda teve que lidar com as críticas de seu filho primogênito Mohamed, *walí* de Sevilha, quanto à sua aproximação com os filhos de Haxim, e também pelo fato do emir não tomar atitudes quanto aos avanços de clãs árabes sobre o território de Sevilha. Nesse ínterim, o irmão mais novo de Mohamed, Al-Mutārrif, aproveitou as desavenças entre Abd Allah e seu possível sucessor para criar calúnias – sobre a sucessão – a fim de alimentar as desavenças já existentes. O resultado foi o envio de tropas para Sevilha para combater o seu filho e dois de seus irmãos, que, teoricamente, estavam conspirando contra o emir. Hixem morreu na batalha, Mohamed e o seu outro tio, Alcassim, foram envenenados na masmorra em que estavam presos.

Mohamed deixou quatro filhos. Dentre eles, Abd al-Rahman III, o qual foi tutorado pelo seu avô Abd Allah I, o mesmo que matou seu irmão Al-Mundhir e ordenou a morte do seu filho Mohamed. Fato é que o emir havia manifestado sua predileção pelo seu neto e não poupou esforços para educá-lo e torná-lo o líder que o emir nunca havia sido. Abd Allah o via como um puro e genuíno omíada de al-Andalus, proporcionou-lhe acesso aos mais ilustres professores nas áreas de artes, ciências e de treinamento militar.

---

<sup>21</sup> Documento eletrônico. Não possui paginação. Sobre o trecho extraído ver: revista eletrônica LasNueve Musas. Abdallāh, el emir fratricida. Disponível em: <https://www.lasnuevemusas.com/abdallah-el-emir-fratricida/>. Acesso em: 12 de mai. 2020.

Em 912, Abd Allah I faleceu. Antes de partir, orientou seus vizires e parentes a garantirem a estabilidade do poder que ele repassou a Abd al-Rahaman III, o qual, com vinte e um anos, tornou-se o emir e, mais tarde, o primeiro califa de Córdoba.

### 3.5 ABD AL-RAHMAN III

Ao tornar-se o novo emir de Córdoba, Abd al-Rahman III, deparou-se com inúmeras dificuldades, herdadas da má administração de seu avô Abd Allah (844-912). Como assinala Herbert González Zyma (2011, p.19), muitas províncias haviam assumido o controle local gerando problemas para o novo emir, que ao ocupar a função do avô, “solo tenía el control efectivo de Córdoba y las aldeas y tierras del contorno”. Apesar disso, membros da sua família, partidários dos omíadas e alguns governadores de províncias, juraram lealdade, ainda que muitos outros governadores tenham resistido em aceitá-lo como novo líder. Esse contexto resultou em intensos conflitos internos em que foi necessário o uso da força contra grupos contrários a fim de demonstrar autoridade e poder.

Para sufocar esses levantes e centralizar o poder em Córdoba, Abd al-Rahman III precisou ganhar a confiança das tropas, que estava abalada desde o início do emirado de Abd Allah, para conter os conflitos religiosos e políticos, internos e externos, que acometiam o emirado herdado. Foi muito bem-sucedido em suas campanhas, ganhando confiança e respeito como governante; esse *status* lhe garantiu apoio interno quando proclamou-se Califa de al-Andalus, no ano de 929.

Um dos maiores legados deixados por Abd al-Rahman III foi a cidade-palácio de Medinat al-Zahra, expressão da rica cultura islâmica, que se desenvolveu ao longo dos séculos da conquista muçulmana de al-Andalus. Maribel Fierro (2004), discorre sobre como os Fatímidas, ao Norte da África, passaram a ser uma grave ameaça, ao até então emirado de Abd al-Rahman, e como isso o influenciou a tomar a decisão de se autoproclamar califa, além de como essa atitude refletiu nas características da cidade de Medinat al-Zahra.

Precisamos compreender que as ameaças fatímidas à soberania de al-Andalus tinham também cunho religioso. Em 909, os Fatímidas proclamaram um califado ao norte da África com valores xiitas<sup>22</sup>, com base na hereditariedade da filha de Maomé, Fátima. Já em al-Andalus,

---

<sup>22</sup> As diferenças que constituem os valores xiitas e sunitas remetem ao período da morte do Profeta Maomé, em 632. De um lado, os Xiitas requerem que a legitimidade de sucessão seja feita pela hereditariedade, ou seja, são partidários de Ali, genro do Profeta, casado com Fátima. Do outro, os Sunitas entendem que a sucessão seja através da escolha do representante. Enquanto que o movimento xiita tem um caráter messiânico, com

a linha que se seguiu era de valores sunitas, herdados e mantidos desde o apogeu do Império Omíada, em Damasco. Essa questão passou a ser objeto de legitimação acerca do emirado que se instalou na Península Ibérica. Diante disso, para demonstrar a soberania e a legitimidade do emirado omíada, Abd al-Rahman III se autoproclamou califa.

Desde que Abd al-Rahman III sucedeu seu avô, a sociedade passou por significativas mudanças na sua estrutura governamental, sendo a principal delas a mudança do tipo de governo que, de emirado, passou a ser califado e o emir, se tornou califa. Com isso, o poder centralizado fortaleceu ainda mais a sua posição de liderança, dando legitimidade temporal e espiritual às suas ações, que visavam conter os avanços das suas fronteiras pelos cristãos vindos do norte e dos fatímidas pelo sul, forças que ameaçavam diretamente o poderio omíada em al-Andalus.<sup>23</sup>

### 3.6. MEDINAT AL-ZAHRA

As fontes que datam a ordem do califa para a construção de Medinat al-Zahra, interpõe entre os anos de 936 a 940. González Zymla (2011, p.173) faz menção ao ano de 936, considerando a grandiosidade da estrutura e, por isso, entende que já desde esse período deveria haver um planejamento. Aponta “Así parece demostrarse cuando se observan las traídas de aguas, las cantarillas para evacuación de aguas, los caminos empedrados y otras obras de ingeniería previas a la edificación de la nueva urbe”. Enquanto Maribel Fierro (2004) indica o ano de 939, após a batalha de Simancas-Alhandega contra os cristãos, na qual a tropa muçulmana saiu perdedora, e descreve, fazendo uso dos escritos de Ibn Hayyan, como essa derrota afetou pessoalmente al-Nasir e fez com que ele se dedicasse à construção da cidade palaciana.

Por outro lado, Antonio Vallejo Triano (2006, p.403), assinala que os dados arqueológicos levantados a partir de estudos sobre os achados em pedra e mármore demonstram que a Mesquita Aljama, Dar al-Mulk e a Vivenda de Alberca foram os primeiros edifícios construídos na cidade de Medinat al-Zahra. Com isso, entendeu-se que a construção de al-Zahra se deu em 940, sua primeira reforma em 950 e a segunda reforma em 972.

---

interpretações fundamentalistas do Corão e da Sharia, os sunitas partem de uma interpretação dos ensinamentos deixados por Maomé, a Suna, juntamente com o Corão e a Sharia.

<sup>23</sup> Sobre a implantação do califado em Cordoba veja: RUI, Adailson. José. (2020). Abd al Rahman III: a implantação do califado e a construção de Medinat-al-Zahra como centro de poder em al Andalus. **História Revista**, 25(1), 54–72. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/63334>. Acesso em 15 de mar. 2022.

Apesar das divergências das datas sobre o início da construção, Medinat al-Zahra foi uma obra impactante e cabem inúmeros estudos sobre a sua existência e peculiaridades. O objetivo inicial era de que a cidade fosse uma fortaleza para proteger o califa, e conseqüentemente, o califado omíada. A partir disso, adotou-se diferentes características com significado legitimador, através da disposição dos níveis de construção, com a casa do governante, Dar al-Mulk, se localizando no nível mais alto – já que só Alá estaria acima do Califa; os jardins e os detalhes entalhados em painéis e paredes com epígrafias e desenhos, eram alusões para que remetessem ao Paraíso descrito no Alcorão, e o califa, era o representante espiritual e temporal.

### **3.6.1 A Construção**

A construção de Medinat al-Zahra não se restringe apenas ao espaço físico para a sua edificação. Como assinala González Zyma (2011, p.173) [...] “Edificada en la ladera sur de la sierra de Córdoba, estaba perfectamente integrada con el paisaje y abierta al valle del Guadalquivir en su solana con el objeto de abaratar los costes de iluminación y aprovechar mejor la luz natural”, considerou-se a topografia local, entre a serra e o vale, escolhida estrategicamente por Abd al-Rahman III.

O novo empreendimento do califa movimentou regiões vizinhas através da extração de calcário – calizas miocénicas, como aponta Vallejo Triano (2007) – pedras que serviram de base para a construção da cidade palaciana, extraída a aproximadamente 50 km de sua circunscrição, havendo também o aproveitamento de pedras locais. De maneira geral, Medinat al-Zahra foi construída com pedras quadrangulares ou retangulares sobrepostas, às quais foram dados tratamentos com gesso e cal para manter a sua durabilidade. Já os detalhes, como as pilastras e os capitéis, foram colocados posteriormente, pois demandavam um trabalho mais detalhado e deveria ser realizado no local pelos artesãos.

A distribuição da construção dos edifícios, assim como as estradas e também a organização hidráulica, são elementos que ajudam a ilustrar a dimensão da cidade de Medinat al-Zahra.

Em relação ao abastecimento, foram reaproveitados os antigos aquedutos romanos, os quais passaram por algumas reformas e adaptações. Além disso, se preocuparam em organizar as vias de acesso através de estradas e pontes que ligavam a cidade palaciana à Córdoba e, conseqüentemente, ao resto de Al-Andalus. Próximo à cidade, construíram uma espécie de fazenda, sendo possível a exploração agrícola daquele local.

Uma das coisas essenciais para a manutenção, não só do palácio, mas de toda a cidade, foi o sistema hidráulico, que era único e abastecia toda a área construída. Aproveitando o sistema preexistente feito pelos romanos, os construtores a mando de Abd al-Rahman III, fizeram uso de uma estrutura que permitia a captação da água desde a serra, fazendo uso da canalização pré-existente e de poços. A partir disso, construíram aquedutos e pontes de acordo com a topografia para direcionar a água para a cidade palaciana; o Aqueduto de Valdepuentes se tornou um símbolo da administração de Abd al-Rahman III. Ainda, os dutos utilizados para a canalização da água foram feitos de chumbo, ou de uma espécie de cerâmica, tecnologia muçulmana.

Vallejo Triano (2007) destaca que essa rede de abastecimento servia toda a cidade, fosse para produção, consumo ou higienização, por meio de pias de mármore<sup>24</sup> localizadas em ambientes de acesso comum. Reforça que as albercas/tanques dos jardins utilizavam um sistema diferente baseado em cisternas que captavam água da chuva e supriam esses ambientes. Ainda, aponta que o sistema de abastecimento de água das latrinas se estendeu por todos os edifícios e foi um método que refletiu em toda a arquitetura de al-andalus.

A organização e o planejamento dessa infraestrutura hidráulica e de saneamento são características de uma cidade urbana bem estruturada.

La red documentada hasta el momento está integrada por un conjunto de más de 1800 m. de canalizaciones subterráneas, de diversas tipologías y tamaños, que discurren a distintas profundidades bajo las edificaciones palaciegas. El sistema lo componen básicamente dos tipos de canalizaciones: unas, mayores, recorren longitudinalmente los distintos conjuntos aterrazados y núcleos de edificación, y atraviesan el centro de la vivienda para recoger las aguas pluviales y residuales de los patios ; y otras, menores, transportan las aguas de patinillos, letrinas y demás elementos de desagüe, para verter en las anteriores (VALLEJO TRIANO, 2007, p. 83 e 84).

É interessante destacar a extensão e a efetividade desse sistema, já que foi organizado de maneira a fazer com que as águas residuais fossem desaguadas em riachos próximos e, também, foi utilizado como aterro de resíduos.

As vias de acesso entre o palácio e demais setores foram essenciais para a boa organização administrativa. Destaque para os materiais das calçadas que eram feitas de xistos

---

<sup>24</sup> Segundo Vallejo Triano (2007, p.82), sarcófagos romanos foram reaproveitados sendo também utilizados como pias.

e silhar<sup>25</sup>, ideal para o trânsito de cavalos. Em outros casos, as vias de acesso foram feitas a partir de cal e terra compactada.

A arqueologia é fundamental para compreendermos, através dos achados, os processos da cultura material, já que reflete comportamentos sociais de determinados períodos. No caso de Medinat al-Zahra, Vallejo Triano (2006) afirma que os tipos de decoração nos edifícios são diversos e estão de acordo com a finalidade de cada órgão, reforçando que não existe uma característica única, e os detalhes empregados na cidade estão de acordo com cada setor. Quanto ao reflexo social, podem ser visualizados nos ornamentos entalhados nas paredes dos edifícios, estando ligados diretamente com a questão linguística expressada através da arquitetura, de modo a relacionar como uma espécie de propaganda de legitimação do poder.

### 3.6.2 Legitimação e Cultura

Podemos citar dois aspectos que tornam a cidade palaciana única na Península Ibérica. O primeiro é a questão da busca pela legitimação e demonstração de autoridade do poder do califa em al-Andalus, frente à ameaça Fatímida xiita. O segundo está relacionado ao reaproveitamento de vestígios da cultura material pertencente à Antiguidade Clássica.

No sentido de busca por legitimação, fazendo frente à cidade fatímida, Sabra/Mansuriyya, Fierro (2004), destaca que, ao tornar-se califa, Abd al-Rahman III tomou para si a representação da unidade religiosa, o islã. Se ele existia, o Paraíso também deveria existir; por isso, é possível visualizar, nas paredes do Salão Rico, que foi construído para fazer recepções em geral, e dos jardins, uma decoração composta por uma grande variação vegetal, como se fossem os jardins do Paraíso, descritos pelo Alcorão.

A diferença de níveis da cidade, passava a mensagem de que o califa fica no mais alto, e somente Deus está acima dele. Aqueles que não tiveram a oportunidade de se elevarem, transitavam pelos jardins inferiores. A cidade era resplandecente como o califa que a construiu. Essa atitude em aproximar a ideia de Paraíso na terra, seria uma forma do califa apresentar a sua autoafirmação em seu território.

---

<sup>25</sup>Silhar: Pedra aparelhada ou lavrada, geralmente de forma quadrangular, para revestimento de parede. Fonte: DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/silhar>. Acesso em: 29 de ago. 2021.

Ainda quanto ao processo de legitimação, podemos destacar a participação fundamental de al-Hakam II (915-976), filho e sucessor de Abd al-Rahman III, no processo propagandístico da cidade califal.

Havia o costume de nomear o sucessor de forma antecipada, e era comum que os designados participassem de assuntos governamentais, desde muito novos. Seguindo esta perspectiva, o herdeiro do califado era inserido nos assuntos de governo e criado de uma maneira totalmente estrita e controlada, preparando-se única e exclusivamente para governar, livre de assuntos pessoais e familiares<sup>26</sup>.

Al-Hakam II foi nomeado sucessor de Abd al Rahman III aos quatro anos de idade. Com seis anos, foi apresentado e reconhecido pelos mais importantes funcionários do governo omíada. A partir desse momento, passou a ser uma figura simbólica, exercendo dentre outras a função de “sustituir al emir en su ausencia permaneciendo en el Alcázar con motivo de las campañas militares de la primera mitad de la década de 920, o participar en esas mismas campañas acompañando a su padre [...]” (VALLEJO TRIANO, 2016, p. 435). Vindo a assumir cada vez mais responsabilidades, dentre elas o controle fiscal, administrativo e de chancelaria do califado.

Al-Hakam II constituiu, em algumas partes do aparato governamental, a presença de ulemás, com a finalidade de trazer apoio à dinastia, também elaborou um sistema de propaganda do califado, como assinala Vallejo Triano (2016, p.435) “[...] el príncipe heredero era el encargado de convocar a los poetas y secretarios a las recepciones en el maýlis califal y, por tanto, cabe suponer que fue también el responsable de controlar las proclamas y consignas oficiales y propagandísticas dictadas en ese ámbito”. O príncipe herdeiro ficou conhecido também pelo interesse em promover obras científicas e tecnológicas produzidas no Oriente, que foram levadas para al-Andalus a fim de enriquecer a cultura local. Atitude endossada pelo califa, já que era uma forma de legitimar ainda mais o seu poder diante dos Fatímidas.

Outra função desempenhada pelo sucessor de Abd al-Rahman III foi a supervisão da construção da cidade de Medinat al-Zahra:

La ciudad y, especialmente, su Alcázar pueden responder, por tanto, a los ideales visionados y compartidos tanto por Abd al-Rahmān III como por su hijo al-Ḥakam, y esto explica la unidad del programa urbanístico y arquitectónico que observamos entre los dos califatos, y la ausencia de un cambio de orientación edificatoria tras la muerte del primero: Madīnat al-Zahrā’ hubo de ser para ambos un objetivo y un proyecto dinásticos (VALLEJO TRIANO, 2016, p.436).

<sup>26</sup> Sobre a formação de al-Hakam II, ver: MANZANO MORENO, Eduardo. **La Corte del Califa**. Cuatro años en la Córdoba de los Omeyas. Barcelona: Critica, 2019.

Isso demonstra a unidade do modo de governar entre Abd al-Rahman III e al-Hakam II, um planejamento dinástico e de sucessão com a finalidade de garantir a hegemonia Omíada na Península Ibérica.<sup>27</sup>

É interessante destacarmos a existência na cidade de dois salões que foram construídos a mando de al-Hakam II, por ocasião da reforma realizado a partir de 950. Os Salões serviam para que o príncipe, assim como o seu pai, tivesse uma sala de recepção própria. Isso demonstra a importância que o herdeiro tinha diante dos assuntos governamentais. Foi uma inovação, pois durante o longo tempo do emirado, os príncipes não possuíam um lugar de destaque, assim como não tinham um lugar próprio para realizar cerimônias e nem sequer moravam no Alcázar, tal situação foi alterada nos últimos anos do califado de Abd al-Rahman III.

Os cronistas identificam tais salões como Salão Ocidental e Salão Oriental. No entanto, a nomenclatura não é uma referência geográfica, mas sim parte de um projeto de expansão da dinastia Omíada, que pretendia dominar do Ocidente até o Oriente. Segundo Vallejo Triano, (2016, p.445):

Oriente y Occidente son, por tanto, la fórmula empleada para expresar la totalidad del mundo islámico. En este juego de significaciones simbólicas, Occidente se identifica con alAndalus, con el califato omeya, mientras que Oriente engloba la totalidad de los poderes del momento, especialmente el fāṭimī, instalado ya en Egipto, y el cabbāsī, que se quiere conquistar entre otras razones para recuperar los lugares sagrados del Islam.

Visando a realização de tal projeto, Abd al-Rahman III fez com que al-Hakam II participasse, desde criança, nos assuntos governamentais. Familiarizado com as ações do governo, o herdeiro do califa participou ativamente do processo de construção, organização, estruturação e administração de Medinat al-Zahra. Atuações importantes que propiciaram na “introducción de nuevos modelos arquitectónicos y decorativos. Estos se manifestaron, en primer lugar, en la concepción de su propia vivienda, que terminará siendo el prototipo de palacio residencial en al-Andalus a partir del s. XI” (VALLEJO TRIANO, 2016, p. 456).

Vallejo Triano (2016) aponta que o encontro do salão utilizado pelo herdeiro para receber aqueles que deveriam ter audiências com ele foi essencial para que arqueólogos compreendessem como os salões – do herdeiro e do califa – expressavam as pretensões políticas do califa. Conforme o autor assinala:

---

<sup>27</sup> Vallejo Triano (2016) destaca que, nas epígrafias encontradas em Medinat al-Zahra, é possível identificar os nomes de Abd al-Rahman e de al-Hakam. No entanto, não há nada que mencione o nome de Hisham II, herdeiro e sucessor de al-Hakam. Isso demonstra como a figura de Hisham II como califa foi figurativa e quem realmente governava neste período, 976-1002, era Almanzór.

La terraza en su conjunto se encuentra, pues, cargada de una significación simbólica que puede ser considerada ambivalente, a la vez política y religiosa. Religiosa, porque remite también a la idea coránica de que Dios es el Señor del Oriente y del Occidente. Política, porque los dos salones que la componen, así denominados, constituirían la expresión simbólica de las aspiraciones utópicas del califato omeya sobre las tierras del Islam, sobre el Este y el Oeste; una representación del mundo que se desearía someter a través de un microcosmos dominado por el califa omeya y su heredero dinástico (VALLEJO TRIANO, 2016, p. 459)

Ademais, por trás dessa representação, estava a propaganda do califado omíada, como aqueles que iriam dominar tanto o Ocidente como o Oriente, fazendo frente à ameaça Fatímida de conquista universal.

Através dos detalhes arquitetônicos e dos elementos achados até aquele momento (como a existência de dois Salões), o autor aponta que as reformas e extensões feitas ao longo da existência de Medinat al-Zahra são de extrema importância para compreender a evolução urbana que se apresentou.

Apesar de toda estrutura social, política, religiosa e econômica, estar fundamentada no islã, elementos cristãos, pagãos e vestígios, como os materiais de construções e monumentos do Império Romano e do domínio visigodo, estiveram presentes em construções em al-Andalus e também foram utilizados na cidade de Medinat al-Zahra.

O reaproveitamento de materiais era uma prática comum. Segundo Susana Calvo Capilla (2012), Ahmad b. Muhammad b. Musa al-Razi, ao descrever as origens das cidades antigas demonstra admiração pelos restos do passado. A autora também destaca narrativas de Ibn Hayyan, que exalta o legado godo deixado nas cidades, principalmente nas decorações esculpidas em mármore das Igrejas de Toledo. Ainda, ressalta passagens de crônicas árabes que descrevem os elementos gregos e romanos encontrados nas principais cidades de al-Andalus, como Mérida, Sevilha e Córdoba. Para a autora, “La escasez de materiales de calidad que tenían a su disposición los constructores omeyas podría explicarse porque los edificios imperiales de la ciudad ya habían sido expoliados en época bajo imperial” (CALVO CAPILLA, 2012, p. 133). Mesmo assim, muitos elementos foram aproveitados nas construções em al-Andalus. Exemplos são os usos de estátuas e sarcófagos

Na antiguidade, o uso de estátuas nas entradas das cidades funcionava como talismãs e assim também foram tratadas pela população em al-Andalus. Estátuas romanas representando mulheres foram utilizadas na cidade de Medinat al-Zahra, bem como em Córdoba. O reaproveitamento dos sarcófagos e esculturas na cidade-palácio se deu pela qualidade e ornamentos. Como eram elementos pertencentes à Antiguidade Clássica, o paganismo representado através deles, por hora foi neutralizado, ou seja, os elementos e objetos

reutilizados foram retirados de seu contexto original e passaram a assumir um outro papel, como por exemplo, os sarcófagos que passaram a servir de reservatório de água.

Elementos cristãos e pagãos, em algum momento da história de al-Andalus, podem ter sofrido ataques de religiosos mais conservadores. No entanto, isso não foi uma prática comum, já que vários materiais da cultura clássica antiga foram encontrados em Medinat al-Zahra:

Las razones de carácter ideológico y simbólico que llevaban a reutilizar estos materiales eran de diversa índole, como han puesto de relieve numerosos trabajos recientes. Los significados y las funciones atribuidos a los spolia pudieron ser múltiples y no excluyentes, al menos durante los primeros siglos del Islam, e iban desde la conveniencia y la economía de medios, hasta la legitimación política, la evocación de la Antigüedad clásica y la emulación del pasado, pasando por el coleccionismo y la admiración estética, como ilustraba el texto de al-Bakri. Aunque todas estas razones podrían explicar la reutilización de relieves y de esculturas romanas en los primeros monumentos islámicos, y en Madinat al- Zahra' en particular, ninguna abarca y comprende toda su trascendencia (CALVO CAPILLA, 2012, p. 136).

A reutilização dos sarcófagos romanos, com inscrições detalhadas de musas e filósofos que remetiam à sabedoria, perde, para os *cordobeses*, o valor de imagens funerárias e se tornam alegoria do conhecimento antigo. Foram colocadas em locais que remetiam à arte e ao conhecimento. O assunto sobre a importância dada ao desenvolvimento cultural, em al-Andalus, tem como objetivo, chamar a atenção para o fato de que Medinat al-Zahra não foi apenas uma cidade administrativa. Ela também foi o centro cultural que permitiu o acesso a diferentes saberes, não só para o califa e seus filhos, como também para os filhos dos dignitários. Exaltava o homem culto e sábio. A importância que os muçulmanos davam à arte, filosofia, astronomia e às ciências era um aspecto cultural que definia tanto a população de al-Andalus, como os que viviam sob o regime do islã no Oriente.

Esse florescimento pode ser caracterizado no califado de Abd al-Rahman III, que, além de ser admirado pelos seus feitos militares, políticos e pacificadores, teve um papel crucial no desenvolvimento da atividade cultural. Posteriormente, viria a se consolidar durante o califado de seu filho al-Hakam, que tinha grandes inclinações para a ciência e artes e que também foi expressado na cidade de Medinat al-Zahra.

### 3.7 A CIDADE ARQUEOLÓGICA

Para Jesús Muñoz Díaz (2006), o esplendor urbanístico e arquitetônico de Medinat al-Zahra durou cerca de 74 anos, quando tropas berberes colocaram fim à hegemonia Omíada na Península Ibérica.

Após a cidade ser saqueada e incendiada, algumas partes ainda sobreviveram aos ataques até, aproximadamente, meados do século XII. Quando Fernando III conquistou Córdoba no ano de 1236, nesta ocasião, já não havia quase nada que remetesse à cidade resplandecente (MUÑOZ DÍAZ, 2006).

Sob o domínio da Coroa, os materiais que outrora fizeram a grandeza e o refinamento da cidade palaciana, foram retirados do local de sua construção e empregados em outros edifícios como em Mesquitas, Mosteiros e, também, em órgãos governamentais. Essa parte de Córdoba foi utilizada como pedreira, de onde retiravam os materiais para construção até, aproximadamente, o século XIX.

En este período (século XIII) se retoma la extracción de material de acarreo del lugar. Ya bajo dominación almorávide y almohade los materiales de Madinat al-Zahra habían sido reaprovechados para mezquitas como las de Sevilla o Granada y otras del norte de Marruecos, así como para los alcázares con que se dotaban las nuevas sedes gubernativas. Ahora (século XVI) sus sillares sirven para levantar el cercano Monasterio de San Jerónimo y numerosos edificios religiosos y nobles en la ciudad (MUÑOZ DÍAZ, 2006, p. 1).

Por cinco séculos, os estudos historiográficos não haviam associado a antiga pedreira existente próxima a Córdoba à cidade construída a mando do califa Abd al Rahman III, noticiada nos relatos dos cronistas muçulmanos, como por exemplo Ibn Hayyan. Sobre a existência da cidade, em meados do século XVI, Ambrosio de Morales deu algumas informações, porém associou os vestígios encontrados a alguma construção romana. Posteriormente, em 1627, Díaz de Ribas identificou os materiais encontrados como restos de alguma construção erigida nos tempos de Abd al-Rahman III, porém não se chegou a uma definição concreta sobre a existência de Medinat al-Zahra. Somente no século XIX, em 1832, Ceán Bermúdez identificou a cidade e fez a relação da pedreira com Medinat al-Zahra (MUÑOS DÍAZ, 2006).

Muñoz Díaz destaca que o século XIX representa uma espécie de nascimento de uma consciência a respeito da conservação do patrimônio. É nesse período que “nacen las Comisiones de Monumentos y la primera normativa en materia de protección monumental” (MUÑOZ DÍAZ, 2006, p. 2). Foram impulsionadas por grupos interessados pelos monumentos hispano-muçulmanos, que chamavam a atenção desde o processo de Reconquista, mas que ganharam destaque e conhecimento internacional durante o século XIX.

O reconhecimento da cidade de Medinat al-Zahra, através dos vestígios, foi uma constatação tardia. Por isso, os historiadores e arabistas logo trataram de colocar a cidade palaciana de volta ao cenário, exaltando a sua grandiosidade.

Em 1911, iniciou-se o processo de escavação com o arquiteto e arqueólogo Ricardo Velásquez Bosco. Aos pés da Serra Morena, foram iniciados os trabalhos, já que o lugar foi preservado pelo tempo contra os processos de urbanização que ocorreram próximo àquela região entre os séculos XV e XIX. O local escolhido pelo arqueólogo foi utilizado, durante muito tempo, para pastagem de animais.

O trabalho desenvolvido no sítio arqueológico da cidade palaciana, durou até a morte de Bosco, no ano de 1923. Foi caracterizado por dar maior atenção aos detalhes decorativos e artísticos relacionados ao Califado, sendo que a maior parte das escavações foram concentradas no Alcázar. Seu trabalho foi reconhecido no ano de 1923, ano em que se iniciou “la protección jurídica de las Ruinas y Palacio de Medina al-Zahara, mediante su declaración como Monumento de carácter Nacional” (MUÑOZ DÍAZ, 2006, p.3).

Dando continuidade ao trabalho de Velásquez Bosco, Félix Hernández ficou à frente do trabalho de escavação até o ano de 1975, período que marca quando ocorreram/foram desenvolvidos os processos para a intervenção e restauração dos materiais e das estruturas, dando cada vez mais visibilidade e contornos à cidade de Medinat al-Zahra. Hernández foi sucedido por Rafael Manzano, que ficou responsável pelas escavações até o ano de 1982 e também procurou restaurar partes importantes da cidade palaciana.

Por dois anos, os trabalhos ficaram paralisados por motivos burocráticos sobre quem deveria gerenciar as escavações. A partir de 1984, a responsabilidade e o cuidado do sítio Arqueológico ficaram a cargo da Junta de Andalucía, um órgão autônomo.

Em 1989, Antonio Vallejo Triano ficou responsável por coordenar e retomar o processo de escavação e restauração. Segundo Muñoz Díaz (2006), dentre suas diretrizes de organização, estavam a publicação de notícias diárias e a organização de uma revista que daria maior visibilidade ao assunto.

A partir de 1992, constata-se novos limites territoriais para além das muralhas de Medinat al-Zahra. Dessa maneira, foi definida como Zona Arqueológica e, portanto, novas leis e diretrizes foram organizadas de modo a proteger o patrimônio. A extensão do limite territorial deu, à cidade califal, outra dimensão e perspectivas sobre a compreensão dos espaços que ela ocupou quando estava em seu apogeu.

Portanto, a Zona Arqueológica passa para além da cidade murada e vai até as circunscrições vizinhas, onde podem ser identificados elementos como a serra, as estradas, os aquedutos, as pontes e a pedreira, de onde foram retirados os calcários para a construção da cidade; tudo como parte das delimitações que compuseram a cidade palaciana.

Entendeu-se que, no caso de Medinat al-Zahra, existiam elementos imprescindíveis para compreender como foram pensados os aspectos, a fim de destacar a grandeza e opulência do Califado. Embora não fosse comum delimitar o perímetro a ser protegido, entre as estruturas onde estão de fato localizados os vestígios da cidade arqueológica e o ambiente que a circunscreve, os elementos paisagísticos, somados ao formato da sua construção que parte da planície até a serra, e os caminhos de acesso para a entrada e saída da cidade, compunham esses mesmos elementos considerados essenciais.

Por isso, desde 1996, houve preocupação em definir delimitações e traçar planos de proteção para a localização de todo o ambiente que envolve a cidade califal, e dessa forma, criaram um Conselho de Cultura. Essa medida foi pensada, considerando a venda e ocupações, promovidas pela iniciativa privada, de lotes localizados perto do sítio arqueológico, podendo comprometer, de alguma maneira, as pesquisas, mas, principalmente, a imagem que deveria ter Medinat al-Zahra nos seus dias de esplendor.

Todo o cuidado empregado na preservação, se deve aos esforços dos pesquisadores e entusiastas que compõem/compuseram a Junta de Andalucia, que trabalha incessantemente, para garantir a história e autenticidade do que pode ser considerado o maior símbolo da presença da civilização muçulmana em território europeu.

### 3.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os reflexos islâmicos culturais e tecnológicos em Medinat al-Zahra, podem ser entendidos a partir da estruturação da sociedade fundamentada no islã. Essa estrutura é expressa por meio do califado, no qual o Califa toma para si a função de líder espiritual e temporal. Tais reflexos também podem ser identificados na cidade palaciana, por meio da arquitetura e da forma e função para que foi projetada, dos ornamentos utilizados, através dos melhores materiais disponíveis e também através de detalhes de escritas e desenhos com significados legitimadores. Além disso, podemos destacar como os muçulmanos reaproveitaram materiais pertencentes à Antiguidade Clássica, sendo inseridos na estrutura da cidade não só como elementos artísticos, mas também tendo uma função prática, como o caso do sarcófago utilizado como pia.

Como pudemos notar, a produção da historiografia, a análise e a captação de fontes que tratam de al-Andalus e de Medinat al-Zahra ainda demandam muito trabalho, dedicação e interesse por parte dos pesquisadores. Seja na Espanha, centro de toda essa história, seja no Brasil, onde constatamos uma baixa ou nenhuma produção acadêmica sobre o assunto e que,

certamente, se reflete na construção dos currículos da educação básica, o que contribui para o desconhecimento de um patrimônio histórico que, possivelmente, possibilita apresentar aos estudantes, pelos menos um pouco, do que foi a presença islâmica na Península Ibérica e o legado que nos deixaram.

Foi almejando contribuir para a divulgação do conhecimento sobre os muçulmanos em al-Andalus que, a partir do estudo/pesquisa que realizamos, desenvolvemos e construímos o objeto de aprendizagem (OA) “*Medinat al-Zahra: História de al-Andalus para a Sala de Aula*”. Para tanto, fizemos uso das principais referências sobre o contexto histórico de al-Andalus, a fim de servir como base para a compreensão dos eventos que levaram a construção de Medinat al-Zahra. Foi necessário partir de uma pesquisa sobre os trabalhos arqueológicos, que são de extrema importância para embasar e fundamentar as fontes históricas produzidas pelos cronistas muçulmanos, as quais são peças fundamentais para os autores que utilizamos para a escrita e produção desse trabalho.

Na Parte III, apresentamos a nossa fundamentação teórica e metodológica acerca da concepção do Objeto de Aprendizagem.

### **PARTE III**

#### **4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E A APLICABILIDADE DO OBJETO DE APRENDIZAGEM.**

#### 4.1 UMA VISÃO GERAL SOBRE O USO DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM

O uso das tecnologias na educação são, cada vez mais, objetos de estudo e de desenvolvimento por parte dos pesquisadores que têm, como objetivo, trazer novas ferramentas para o ambiente escolar, que auxiliem tanto os professores como os alunos no processo de ensino-aprendizagem. Nesse ínterim, ainda há que se considerar os movimentos sociais que ocorrem pelas vias digitais, o que excita e torna imprescindível a utilização e a adaptação, do cotidiano escolar, para aparelhos como celulares, notebooks e tablets. Devemos entender que, diferente do que ocorria nos séculos passados com as pesquisas *in loco* nas bibliotecas físicas, um sentimento que, apesar de prazeroso, era demorado, o acesso ao conhecimento – atualmente – deve estar a um clique de distância.

Em relação ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs – no ensino de história, através do trabalho elaborado por Paulo Augusto Tamanini e Maria do Socorro Souza (2018), intitulado “As Tecnologias Digitais no Ensino de História no Brasil. Um mapeamento das pesquisas acadêmicas”, percebemos que a questão que os autores colocam é sobre o que está sendo produzido na pós-graduação *Stricto Sensu* sobre as tecnologias digitais no ensino de história. A conclusão que eles chegam é a de que não há propriamente trabalhos científicos que abordam o tema Tecnologias Digitais no Ensino de História. Portanto, os trabalhos encontrados dissertam sobre Tecnologias Digitais Virtuais. Nesse sentido, cada trabalho apresenta um determinado tipo de tecnologia, que pode ser aproveitada para o ensino de história.

Dessa maneira, professores e pesquisadores, devem utilizar as TICs de modo geral, estejam elas em formato de jogos, videogames, imagens, vídeos, páginas da internet, entre outras, que já estão no mercado, somando a adaptações e alterações que possam ser aproveitadas para o ensino de história. É pensando nessas modificações, para que os produtos das TICs sejam aproveitados pelos professores e alunos, que o Objeto de Aprendizagem – OA – deve ser confeccionado.

Como descrevem Juliana Braga e Lilian Menezes:

[...]os objetos de aprendizagem podem ser vistos como componentes ou unidades, catalogados e disponibilizados em repositórios na Internet. Assim, podem ser utilizados em diversos contextos de aprendizagem, de acordo com o projeto instrucional. Quando bem utilizados, os OAs podem ser grandes aliados do processo educativo. É necessário, para isso, que o professor tenha clareza dos objetivos que deseja alcançar e, em seguida, pesquise, selecione e defina boas estratégias de utilização dos OAs em suas aulas, de forma a atender aos seus objetivos (BRAGA e MENEZES, 2014, p. 20).

Apesar do OA ser pensado para ser uma ferramenta que contribuirá para o processo de construção do conhecimento, é necessário um cuidado maior na elaboração do mesmo, já que temos que refletir sobre em que condições professores e alunos terão acesso a esse dispositivo e como ele poderá ser levado para o interior das escolas.

Contudo, apesar das dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos em relação ao uso das tecnologias como forma de estudo e interatividade, os pesquisadores brasileiros têm trabalhado para sanar esses problemas e desenvolver uma série de alternativas que possam tornar o uso das TICs e as construções dos OAs em ferramentas universais e democráticas. Esse processo está em constante elaboração e ainda demanda muitas pesquisas e apoio das universidades para que essas iniciativas se tornem mais um aspecto relevante na busca pela qualidade da educação em nosso país.

## 4.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

A construção do objeto de aprendizagem, de maneira geral, aparenta ser um processo simples, em que a maior dificuldade está na pesquisa científica do conteúdo que será distribuído para a educação básica. No entanto, este não é um trabalho tão fácil como se apresenta. A seguir, será apresentado como se deu a concepção pedagógica do objeto, já que é de extrema importância fazer reflexões e debates acerca do processo educacional que os currículos de educação vêm/estão passando ao longo dos anos, bem como, entender como ocorre o processo de ensino-aprendizagem dentro das salas de aula, para que a aplicabilidade do OA seja efetiva para os alunos.

### 4.2.1 História Ibérica e o Ensino de História

Desde o século XIX até os dias atuais, o ensino de história, que faz parte do projeto educacional, passou por inúmeros processos de adaptação e de transformação. Produzido, inicialmente, para contar os feitos dos homens brancos e heróis nacionais, precisou percorrer um longo caminho de discussões e debates epistemológicos e historiográficos a fim de efetivar transformações, como por exemplo, o reconhecimento e a inserção das histórias indígenas, africanas e afro-brasileiras.

Circe Fernandes Bittencourt (2018, p. 127-128) chama atenção para o assunto sobre como a história escolar é essencial como um “[...] instrumento educativo de formação para o exercício da democracia [...], mas faz um alerta a respeito acerca da “[...] educação tecnicista

cuja prioridade é formar “o cidadão do mundo capitalista global” [...]”, uma tendência que está sendo inserida aos poucos no sistema educacional do Brasil.

Um dos principais recursos metodológicos utilizados no ensino de história, nas escolas de educação básica, são os livros didáticos

Bittencourt (2018), chama atenção para a evolução da introdução de novos conteúdos históricos, mas que em 2016, com a nova reformulação da BNCC, encararam um novo problema, que desponta como a inserção de órgãos empresariais internacionais no gerenciamento da educação sob a ótica do Banco Mundial. Essa realidade tem refletido diretamente na criação de conteúdos voltados para a história do capitalismo, com intenções tecnicistas e o currículo controlado pelo mercado.

Nesse contexto, os currículos de História podem ser transformados novamente em currículos voltados para a difusão de uma religiosidade, que na atualidade corresponde à introjeção do capitalismo como religião conforme Max Weber (1967) e Walter Benjamin (2013) já haviam anunciado. Pelas propostas atuais, em âmbito internacional, muitos dos pressupostos humanistas estão sendo relegados e considerados implicitamente retrógrados. Pelos projetos do moderno capitalismo a educação deve se submeter exclusivamente à constituição de identidades integrantes do mundo globalizado, com total diluição das diferenças. E sob essa concepção de “todos iguais” torna-se possível estabelecer formas de avaliação internacional com pretensões de controle sobre conteúdos, métodos em escala internacional (BITTENCOURT, 2018, p.143-144).

Pois bem, se nos fixarmos a conteúdos de caráter capitalista, enquanto História Medieval, permaneceremos limitados a temas vinculados a feudalismo, burguesia e mercantilismo. Dessa maneira, outras práticas educativas, assim como diferentes temas e contextos históricos, deixarão de ser introduzidos e aprendidos. Com indivíduos tendo a sua formação prejudicada e limitada, descumpre-se, portanto, o artigo 205 da Constituição Federal, no que diz respeito “ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania”, afetando, diretamente, a formação de cidadãos com capacidade crítica, o que é essencial para a manutenção da democracia.

A partir de um levantamento rápido realizado através do CBC e do Currículo Referência de Minas Gerais, notamos que o conteúdo de História Medieval, apesar de dar maior abertura aos povos africanos e do Oriente Médio, ainda são muito limitados à história europeia. Entenda-se por história europeia as histórias de França, Inglaterra, Itália e Alemanha, como se os processos históricos tivessem ocorrido de uma só maneira por todas essas localidades.

A historiografia veio para desmistificar a ideia da “Idade das Trevas”, quando nos referimos à idade média. No entanto, percebemos que ainda há um padrão a ser quebrado. Afinal, a Península Ibérica faz parte da Europa e ela não se reduz somente à história de Espanha

e Portugal. Ademais, ela possui, em suas raízes, heranças culturais provenientes do Oriente, mais precisamente dos muçulmanos, que influenciaram, diretamente, as sociedades que se formaram após a Reconquista, somando-se a isso, as influências diretas nas colônias portuguesas e espanholas.

Segundo José Rivair Macedo (2004, p.116):

Para nós, faz muito sentido compreender a formação dos povos ibéricos, por isso nos permite compreender melhor nossas características herdadas, parte de nosso modo de ser e de pensar. Tendo isso em mente, aliás, o ensino de História Medieval ganha outra dimensão [...]. E continua [...] Ao tomar a Península Ibérica como núcleo gerador da consciência histórica a respeito da Idade Média, o ensino de História cumpriria melhor o seu papel de revelar aos estudantes aspectos de nosso passado que continuam a interagir com o presente.

Mas, compreender e assimilar a história da Península Ibérica não deve ser restrito apenas aos colonizadores, e sim abranger os diversos grupos que influenciaram indiretamente a formação desses núcleos de poder. É necessário incluir, nesse caso, os muçulmanos, povos praticamente marginalizados pelos conteúdos didáticos, que não atribuem a eles a importância histórica devida. Ainda que consigamos identificar elementos da cultura islâmica na nossa sociedade, não a relacionamos como parte da origem da nossa história, mesmo porque não temos referência para isso, já que nossos currículos não tratam do tema em sala de aula e a formação acadêmica está longe de ser ideal no que tange a essa temática.

Há um silêncio do tema e uma lacuna a referências de uma influência cultural árabe em nossas raízes e um dos motivos deste silêncio é o viés historiográfico adotado por pesquisadores, sendo necessário descolonizar o ensino de história, que seria abordar a história por outro viés que não seja pela história europeia, enfatizando, por exemplo, a História Ibérica e construindo uma consciência histórica com relação a nossas raízes culturais que é na Península Ibérica. Outro fator que corrobora com o silêncio da História Ibérica é o fato dos docentes da educação básica terem pouco conhecimento sobre o assunto, porque é algo que pouco se estuda na academia (CAIXETA, 2019, p.12-13).

No entanto, sabemos que há uma linha muito tênue entre o conhecimento acadêmico e aquele que é levado para a sala de aula. A partir dessa perspectiva, podemos identificar, talvez, uma falha não só nos currículos, como também na formação de professores, que insistem em reproduzir, e com isso, ficam presos a conteúdos já determinados, sem que ocorram reflexões mais profundas a partir de materiais que venham a complementar a aprendizagem, apresentando as diferenças e a diversidade das dinâmicas de vida.

Sobre esse aspecto, Macedo (2004) escreve:

O confronto com as diferenças e a diversidade dos modos de vida dos seres humanos ao longo de outros períodos da História, em outras civilizações ou regiões culturais, pode nos revelar a nossa própria originalidade, e nos capacitar melhor a ver o lugar que ocupamos na história da humanidade (MACEDO, 2004, p.118).

Na direção apresentada por Macedo, os objetos de aprendizagem muito contribuem, à medida que ampliam os conhecimentos que são oferecidos pelos livros didáticos. Estes são um dos principais recursos metodológicos utilizados no ensino de história, nas escolas de educação básica. De maneira geral, o livro didático é tratado, pelos professores, ou como algo inútil e parte de um projeto do governo para prejudicar a educação, ou como um suporte que auxilia o trabalho. No entanto, o que não se pode negar é a função de referência que o livro didático possui.

Apesar de ter a sua importância reconhecida, identificamos, através dos trabalhos de Marcelo Pereira Lima (2012), “*Representações da Península Ibérica Medieval nos livros didáticos: os (des) compassos entre a escola e a academia?*” e de Fabiana Oliveira e Maria Aparecida Avelino (2019), “*As Abordagens acerca da História Ibérica Medieval em Livros Didáticos*” que ao analisarem como a Península Ibérica Medieval está apresentada nos livros didáticos, apontam as falhas no tratamento quanto à história ibérica. Em uma direção ela é relegada a um mero papel de coadjuvante para a história europeia, de outra, ocorre a reprodução de uma história narrada sobre a ótica etnocêntrica e tradicional. Nesta direção, Lima (2012, p.168) destaca que:

Apesar das mudanças dos últimos anos, é ainda essa relativa marginalidade de referências à Península Ibérica Medieval que tem predominado no conjunto da produção de conhecimentos históricos veiculados pelo ensino de História. Como parte desse processo, os livros didáticos também são influenciados por uma dupla limitação, ora representando a Península Ibérica como uma região deslocada e ignorada, ora sendo englobada e interpretada à luz de outras regiões consideradas um padrão modelar e recorrente de Idade Média.

Para Oliveira e Avelino (2019, p. 262), “Revisitar o tema da formação dos povos ibéricos tem se tornado estratégia importante na busca da compreensão das características herdadas e de suas influências na forma de ver e de pensar a cultura brasileira”. No entanto, podemos identificar um padrão no que se refere ao conteúdo de história sobre a Península Ibérica, já que não é tomada como um assunto essencial pelos currículos, assim como não compõe os livros didáticos de maneira robusta.

Como os livros didáticos são os instrumentos de aprendizagem de mais fácil acesso, tanto para alunos quanto para professores, a sua função deveria ser priorizar a construção de conhecimento, dando aberturas para novos debates e discussões, principalmente, no que se

refere à Península Ibérica Medieval. A história do período medieval nessa região não deve ser omitida e nem limitada, já que se tem conhecimento da atuação da civilização muçulmana naquele território. As contribuições muçulmanas na Península Ibérica podem ser estudadas sob diferentes aspectos – cultura, sociedade, política, religião e economia –, tanto através dos impactos diretos naquela localidade, como nos reflexos nas sociedades portuguesas e espanholas e nas colônias que delas são herdeiras.

Oliveira e Avelino (2019, p.2 77), chamam a atenção para o entrave entre a produção historiográfica e como elas chegam nos manuais. Em suas palavras, “há pouco material disponibilizado *online*, dependendo da importação de obras, o que não ocorre com frequência, devido ao alto custo, ou das viagens desses pesquisadores, que também dependem de financiamento”. Isso é decorrente da falta de investimentos por parte do governo em pesquisas científicas e, como podemos notar, reflete diretamente na construção de uma aprendizagem que emancipa e liberta.

Apesar disso, há quem resista. Existem movimentos ocorrendo e se expressam, principalmente, por meio de produções acadêmicas resultantes de pesquisas cujos resultados apontam, por um lado, a falta de materiais para o ensino da educação básica e por outro, questionam a organização dos currículos que, da maneira como são apresentados, acabam por engessar os conteúdos numa estrutura, como parte de um modelo ideológico capitalista de sociedade. Assim, podemos tomar como responsabilidade, como professores e pesquisadores, a função de participar, cobrar, questionar e produzir materiais com finalidades distintas – uns para a sala de aula e outros para o meio acadêmico como forma de divulgação – mas com objetivos iguais, de construir e apresentar uma História da Península Ibérica muito além da concepção eurocêntrica.

A partir dessas constatações, produzimos um material focado na Península Ibérica, no período Medieval, que aborda a história do domínio muçulmano em al-Andalus, mais precisamente no século X. Ressaltamos os principais aspectos culturais e tecnológicos presentes na cidade de Medinat al-Zahra, um marco da presença muçulmana na Península Ibérica, onde, por quase oito séculos, difundiram suas raízes deixando um legado que, em diversos aspectos, também ultrapassou o Atlântico, chegando ao Novo Mundo.

#### **4.2.2 Concepção do Objeto de Aprendizagem**

Podemos iniciar a nossa discussão sobre a concepção do OA a partir da reflexão feita por Antoni Zabala (1998, p. 27), a qual pontua que “por trás de qualquer proposta metodológica

se esconde uma concepção do valor que se atribui ao ensino [...]”. Tal perspectiva nos faz questionar, enquanto professores pesquisadores, quais são os valores que atribuímos ao ensino, uma vez que nos propomos a desenvolver um objeto de aprendizagem; qual será a efetividade da nossa proposta na vida escolar e também na vida social dos alunos; e, como o nosso objeto de aprendizagem pode se encaixar nesses valores.

Certamente, essas dúvidas não serão sanadas tão prontamente neste trabalho, mas isso não nos impede de tentar nos aproximar de uma possível conclusão, que faça sentido e que possibilite, no mínimo, dar um direcionamento quanto ao desenvolvimento do objeto que elaboramos.

Do mesmo modo, ao refletirmos a função social do ensino, considerando a temática “*Medinat al-Zahra: História de Al-Andalus para a Sala de Aula*”, podemos dizer que a nossa primeira intenção está relacionada aos conteúdos atitudinais, já que a nossa preocupação inicial decorreu da construção de um conteúdo que visasse o respeito à diversidade e ao outro, procurando desconstruir a visão deturpada que o senso comum tem em relação aos muçulmanos e ao islã. Nesse sentido, entendemos que a nossa proposta não se encaixa prontamente nos conteúdos propedêuticos, sendo o mesmo um ensino mais tradicional, posto que consideramos que a escola deve se preocupar tanto com o desenvolvimento cognitivo integral do aluno, como o desenvolvimento de outras capacidades que poderão ser utilizadas para além da escola e da vida acadêmica, preparando-o para a sociedade.

Zabala (1998, p. 32), ainda, esclarece que “num ensino que propõe a formação integral a presença dos diferentes tipos de conteúdo estará equilibrada”. Por conseguinte, propomos a criação de um objeto que contribua para o processo de ensino e aprendizagem direcionado ao professor e ao aluno. No entanto, não podemos nos distanciar demasiadamente das diretrizes elaboradas pelo ensino propedêutico. Para mais, trabalharemos com a utilização do equilíbrio, com as perspectivas da tipologia conceitual, factual, procedimental e atitudinal.

Outrossim, acerca da efetividade da nossa proposta de ensino na vida escolar e social do aluno, devemos compreender a aprendizagem como construção do conhecimento e o ensino como a ajuda ajustada. Quanto a isso, dialogamos com as ponderações realizadas por Javier Onrubia (2009, p. 123) no que tange o processo de construção do aluno a partir da concepção construtivista de que “[...] a aprendizagem escolar é um processo ativo do ponto de vista do aluno [...]”, mas chama a atenção para a necessidade de intervenção e direcionamento nesse processo pontuando que “[...] devido à peculiar natureza social e cultural dos saberes que os alunos devem aprender, esse processo ativo não pode, na escola, ser confiado ao acaso nem separar-se de uma atuação externa, planejada e sistemática, que o oriente e guie na direção

prevista pelas intenções educativas [...]”. Assim, compreendemos o papel indispensável do professor como mediador do conteúdo a ser estudado, juntamente com a elaboração e preparo do material a ser trabalhado.

Nesta perspectiva, há de se ter um cuidado extra ao elaborar o objeto de aprendizagem no sentido de orientar o profissional da educação a respeito dos conteúdos procedimentais (textos, imagens, fotos e vídeos), que podem funcionar como material de apoio. Por isso que o nosso OA é composto de uma aba, denominada “Professores!”, a qual possui revisões bibliográficas que foram utilizadas na composição do produto final. Ademais, consideramos também que como os materiais sobre Medinat al-Zahra e al-Andalus estão quase todos em língua estrangeira, oferecemos essa oportunidade para que o profissional da educação se instrua da melhor maneira e, por conseguinte, leve o conteúdo para a sala de aula.

Já sobre a utilização dos conteúdos factuais, procuramos pontuar, por meio da aba “Venha Entender Melhor”, aspectos como o ano, o século, a localização, os personagens e os acontecimentos que antecederam a construção da cidade de Medinat al-Zahra, somando, a essa parte, seções intituladas “Breves Pinceladas na História”, que ajudam a ilustrar melhor a composição do conteúdo. Desse modo, proporcionamos, ao educando, uma base para que ele consiga se localizar no espaço e no tempo, melhorando, assim, a sua percepção sobre a história em relação ao mundo que vive.

Em relação aos conteúdos conceituais, nas abas “Al-Andalus, Emirado, Abd al-Rahman III e o Califado”, procuramos apresentar conteúdos que explanassem acerca da cultura, do islã e do califado, aspectos fundamentais que serão entendidos e visualizados através de Medinat al-Zahra.

A partir desses compilados de informações, o aluno irá acessar as abas “Medinat al-Zahra” e “A Cidade Arqueológica”, já com uma carga de conhecimento e de compreensão que fará com que ele assimile o material de maneira mais orgânica, de modo a fazer com que os conteúdos atitudinais, sejam efetivos nos seus objetivos finais que são o respeito a imagem do outro, a desconstrução de opiniões concebidas pelo senso comum isentas de senso crítico e a valorização do conhecimento científico.

Devemos considerar igualmente, o que Isabel Solé (2009) pontua sobre o processo de aprendizagem, no que se refere a dar significado aos conteúdos que se aprende. Segundo a autora:

Quando falamos de atribuir significado, falamos de um processo que nos mobiliza em nível cognitivo, e que nos leva a revisar e a recrutar nossos esquemas de conhecimento para dar conta de uma nova situação, tarefa ou conteúdo de aprendizagem. Essa

mobilização não acaba nisso, mas, em função do contraste entre o dado e o novo, os esquemas recrutados podem sofrer modificações, de leves a drásticas, com o estabelecimento de novos esquemas, conexões e relações em nossa estrutura cognoscitiva (SOLÉ, 2009, p. 31).

A ajuda, no processo de construção cognitiva do conhecimento, deve considerar as referências que os alunos já possuem, construídas ao longo de sua vida. Dessa forma, uma avaliação diagnóstica é indispensável para que se avalie o ponto de partida e, na sequência, inserir elementos que estimulem o indivíduo a desenvolver o seu senso crítico. Portanto, considerando nossa temática, presumimos que exista um conhecimento básico do aluno com relação ao que seja o islã, o que expressa a nomenclatura *Califado* e, obviamente, uma compreensão sobre a cultura muçulmana de uma maneira geral. Neste sentido, o desafio é trabalhar com materiais que reúnam conteúdos acerca de tais conceitos e que permitam a construção intelectual do aluno, proporcionando desafios que os façam questionar e elaborar soluções para as situações levantadas.

Ainda, devemos entender que o processo de construção da aprendizagem do aluno deve estar relacionado com a sua autonomia. Assim, Onrubia direciona seu estudo para o trabalho de Vygotski acerca da ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal), que nos permite compreender que “graças à interação e à ajuda dos outros, uma pessoa pode trabalhar e resolver um problema ou realizar uma tarefa de uma maneira e em um nível que não seria capaz de ter individualmente” (ONRUBIA, 2009, p. 127 e 128). Analisa-se, portanto, inicialmente, o nível atingido pelo indivíduo de forma independente e, a partir da ZDP, como a interação com o outro influencia no processo de elaboração do conhecimento.

Refletindo sobre a praticidade entre o objeto de aprendizagem com a efetividade da ZDP, consideramos, inicialmente, que o professor deverá avaliar, a partir das tarefas realizadas nas primeiras aulas, o desempenho do aluno. Com esse tipo de informação, ele poderá direcionar e delegar o apoio dos colegas que apresentaram maior facilidade e habilidade a respeito da temática e da TIC, para que os mesmos auxiliem aqueles que apresentam maior dificuldade. Essa medida é pensada tendo como ambiente, para a sua execução, o laboratório de informática da escola, onde os alunos poderão trabalhar e construir o conhecimento em conjunto.

### 4.3 O EXELEARNING

Sobre o objeto de aprendizagem, pensamos numa tecnologia que conduza ao acesso e ao manejo mais simples e descomplicado – essa observação vale tanto para alunos como para professores. Como sabemos, a sociedade, em sua maioria, vive conectada a diversas tecnologias, que exigem resolução de problemas e situações da forma mais rápida possível, e isso, obviamente, reflete na escola e na forma de ensinar e de aprender. Por isso, entendemos que seria uma irresponsabilidade não fazer uso da tecnologia para atrair o aluno para um melhor desenvolvimento da relação ensino-aprendizagem.

Sabemos que o Brasil é um dos países que tem, na sua estrutura, as raízes da diversidade, acompanhada da desigualdade, o que torna a tarefa do professor, bem como do pesquisador, ainda mais desafiadora, principalmente quanto à criação de mecanismos que possam suprir esse sistema diversificado. O acesso ao conteúdo será online, mas poderá ser trabalhado off-line. Portanto, pode ser utilizado de maneira democrática nos laboratórios de informática da escola com o auxílio do professor.

Certamente, um questionamento impera, quando pensamos que grande parte dos brasileiros não têm acesso ao mundo tecnológico<sup>28</sup> e nos perguntamos como fica essa população. Evidentemente, essa parte da sociedade fica suscetível às políticas públicas, para que façam investimentos na área tecnológica do sistema público de ensino, democratizando, dessa forma, o acesso ao ensino, embora o prognóstico atual não seja animador.

No entanto, esse tipo de dificuldade permite que o debate em torno do acesso digital se amplie, considerando que, cada vez mais, as formas interativas de aprendizagem, utilizando a tecnologia, tornem-se algo comum, o que pode facilitar investimentos e aberturas de campos que supram essa parcela da população que ainda não tem acesso às diferentes tecnologias.

Dessa maneira, optamos por construir o nosso objeto de aprendizagem através da plataforma do *exeLearning*<sup>29</sup>, que é um *software* livre, tanto para quem cria quanto para quem

---

<sup>28</sup> Segundo uma reportagem da Agência Brasil, publicada por Marina Tokarnia, em 29 de abril de 2020, intitulada “Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à Internet, mostra pesquisa” mostra que “A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC) 2018, divulgada hoje (29) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que uma em cada quatro pessoas no Brasil não tem acesso à internet. Em números totais, isso representa cerca de 46 milhões de brasileiros que não acessam a rede. [...] Quase a metade das pessoas que não têm acesso à rede (41,6%) diz que o motivo para não acessar é não saber usar. Uma a cada três (34,6%) diz não ter interesse. Para 11,8% delas, o serviço de acesso à internet é caro e para 5,7%, o equipamento necessário para acessar a internet, como celular, laptop e tablet, é caro”. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em 05 de jan. de 2021.

<sup>29</sup> Para baixar o programa, basta acessar: <https://exelearning.net/en/>. Basta escolher qual o sistema operacional (GNU/Linux, Microsoft Windows, ou Apple) e clicar para instalar.

publica o material de caráter educacional, podendo ser exportados em formato SCORM ou ZIP e salvo em mídias e baixado no computador.

Como mencionado, o *exeLearning* é aberto, portanto ele conta com diversos colaboradores e participantes, recebendo suporte de uma empresa da Nova Zelândia, a CORE Educacion, especializada em desenvolvimento educacional.

Diferentes recursos como flash, java, pdf, entre outros, podem ser utilizados na criação das unidades didáticas e das atividades, que são criadas através dos *IDevices* que se localizam na barra do lado esquerdo da ferramenta, que é o recurso utilizado para a criação dos conteúdos. Os conteúdos são organizados a partir de um conjunto de páginas, como uma árvore que possui ramificações, que podem ser separadas em unidades de aprendizagens, compostas por textos, imagens, vídeos, atividades e materiais de apoio.

De maneira geral, este software se apresenta de maneira intuitiva, tanto para quem constrói o OA como para quem irá utilizá-lo em sala de aula, ideal para atender ao público-alvo, que são alunos do Ensino Médio, principalmente aqueles que estudam em escola pública. A utilização dessa plataforma, dará, ao professor, condições de avaliar o desenvolvimento do aluno e, com isso, ele poderá desenvolver estratégias que possam interferir, de maneira construtiva, no processo de aprendizagem.

Com isso, temos, através do *exeLearning*, uma ferramenta aliada ao professor e ao aluno, considerando, igualmente, a diversidade em questão, a qual será mais um ponto positivo no trabalho a ser desenvolvido. A função social prima o entendimento e o respeito ao outro e a valorização da ciência como parte do processo de aprendizagem. No que tange à tipologia dos conteúdos, entendemos que essa ferramenta nos auxiliará em relação ao ensino propedêutico, proporcionando a ampliação dos conteúdos que são engessados pelos currículos.

A aprendizagem como construção do conhecimento e o ensino como ajuda ajustada, são entendidos como processos pelos quais alunos e professores estão submetidos, diariamente, à busca comum de edificar saberes globalmente; ou seja, o indivíduo que se constitua como cidadão capaz de pensar e agir por si só dentro da sociedade por completo.

#### 4.4 APLICABILIDADE DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

Para melhor demonstrar como se dará a aplicabilidade do OA, apresentamos a seguir uma discussão sobre a problematização historiográfica acerca do nosso tema e como ele se aplica no currículo comum de História, e ainda, propomos a quantidade de aulas, como elas poderão ser desenvolvidas, e sugerimos como a avaliação deverá ocorrer.

#### 4.4.1 Problematização Historiográfica

A questão impetrada que está no cerne da construção desse OA diz respeito aos tipos de abordagens que são, ou não, feitas pelos currículos da educação básica quanto à temática da História Ibérica Medieval, no que se refere à al-Andalus e os, quase, oito séculos de dominação muçulmana.

Com influências dos currículos e dos livros didáticos, temos muitas referências à consciência histórica quanto ao reino de Portugal, por motivos óbvios, já que foram os nossos colonizadores; e sobre os espanhóis, colonizadores de nossos vizinhos. Mas, quando o assunto é sobre, especificamente, os muçulmanos e al-Andalus, identificamos, através do senso comum, uma limitação de informações, o que perpetua o preconceito contra esses povos.

Por isso, escolhemos a cidade de Medinat al-Zahra como fonte, pois ela reflete grande parte da dimensão cultural dos muçulmanos na Península Ibérica. Através da sua construção, os materiais utilizados, a arquitetura, o cuidado nos detalhes, o seu significado legitimador e a convivência entre muçulmanos, judeus e cristãos são aspectos fundamentais que demonstram e desmistificam a ideia pré-concebida de que o islã é sinônimo de atraso e violência.

Diante do trabalho realizado na construção do nosso OA intitulado “*Medinat al-Zahra: História de Al-Andalus para a Sala de Aula*”, consideramos que a aplicabilidade dessa proposta, nas escolas, tem os alunos do Ensino Médio como público-alvo, pois são necessários conhecimentos prévios em história e geografia, com a finalidade de se localizarem no espaço e tempo. Além disso, ter uma visão mais ampla de mundo torna o aprendizado mais efetivo, no sentido de conhecer e assimilar as novas aprendizagens.

Além disso, nós nos pautamos na criação de conteúdos focados na construção e no desenvolvimento de pensamentos críticos, essenciais para a formação cognitiva do indivíduo e que reflete diretamente na sociedade. Ainda, consideramos a finalidade estabelecida pela LDB 9394/96 para os alunos do Ensino Médio.

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina<sup>30</sup>.

Somando-se a isso, a Lei nº 13.415, de 2017, que dispõe sobre a implementação do ensino médio em tempo integral, foi incluída na LDB, o artigo 35-A, a qual implementa, através da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), a separação por áreas de conhecimento, sendo elas: linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias e ciências humanas e sociais aplicadas.

Sendo assim, a BNCC tem, como finalidade, orientar a construção de currículos das escolas públicas e privadas de todo o país. É interessante observamos que a separação por áreas de conhecimento amplia o campo para a construção do conhecimento de forma interdisciplinar. É uma metodologia que se apresenta cada vez mais necessária para a construção do processo ensino-aprendizagem, tentando dar novos significados ao método tradicional que acaba por fragmentar e limitar a aprendizagem a um componente curricular específico.

Um processo educativo desenvolvido na perspectiva interdisciplinar possibilita o aprofundamento da compreensão da relação entre teoria e prática, contribui para uma formação mais crítica, criativa e responsável e coloca escola e educadores diante de novos desafios tanto no plano ontológico quanto no plano epistemológico (THIESEN, 2008, p. 551).

A interdisciplinaridade vem como uma forma de ressignificar o trabalho pedagógico, de modo a ampliar e conectar os saberes. E isso pode ser identificado pela nova proposta da BNCC, em que os conteúdos curriculares são elaborados acompanhando as etapas de desenvolvimento dos alunos, e a separação por áreas nos ajuda a compreender as definições no que tange à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Segundo a Base Nacional Comum Curricular:

[...] a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade. Para tanto, define habilidades relativas ao domínio de conceitos e metodologias próprios dessa área. As operações de identificação, seleção, organização, comparação, análise interpretação e compreensão de um dado objeto de conhecimento são procedimentos responsáveis pela construção e desconstrução dos significados do que foi selecionado, organizado e conceituado por um determinado sujeito ou grupo social, inserido em um tempo, um lugar e uma circunstância específicos (BNCC, 2017, p. 561-562).

---

<sup>30</sup> BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 22 de jul. 2021.

Nesse sentido, percebemos que o nosso tema, além de ser abordado na disciplina de História, poderá ser aproveitado nos conteúdos de Geografia, já que utilizamos mapas para demonstrar visualmente a localização do espaço geográfico que será estudado; as rotas feitas pelos muçulmanos por meio das expansões territoriais realizadas por eles; a topografia da localização onde foi construída Medinat al-Zahra; e os tipos de pedras que foram utilizadas. Também pode ser trabalhado na área de Filosofia, ao compreender a relação entre muçulmanos, judeus e cristãos; o tipo de costumes culturais que foram estabelecidos naquela sociedade, por meio dos interesses pela ciência e tecnologia; e a influência do Alcorão na constituição de uma legislação, cujo direito está fundamentado na religião. Ademais, tudo isso poderá ser trabalhado de forma interdisciplinar.

Ainda de acordo com a BNCC (2017, p. 570), as competências que orientam e dão fundamentação à escolha do nosso tema, e ampara a interdisciplinaridade, são:

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.
4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

A partir dessas competências, as aprendizagens são construídas de modo a fazer com que os alunos sejam impelidos a conhecer o Outro e a se relacionar com novas tecnologias como forma de aprender. Isso perpassa o processo de construir, desconstruir e reconstruir novas aprendizagens e significados.

A utilização do OA dentro do nosso tema visa, inicialmente, tornar o processo de aprendizagem mais interessante, já que os materiais didáticos ofertados para a educação básica são limitados em relação aos conteúdos e práticas interativas. Segundo Bulegon e Tarouco (2014, p. 151):

As atividades de ensino, baseadas no uso das TIC, devem fazer uso de ferramentas que promovam a interação e a cooperação dos estudantes no processo de aprendizagem. A sugestão é usar objetos de aprendizagem (OA) que agreguem diversas mídias, capazes de gerar informação, reflexão e proporcionar a síntese das

mesmas. Para disponibilizar os OAs aos estudantes o professor pode fazer uso de ferramentas de autoria que o auxiliem a criar atividades de aprendizagem dinâmicas e dar um novo sentido para o ensino.

Por isso, criamos o objeto “*Medinat al-Zahra: História de Al-Andalus para a Sala de Aula*”, a partir do *exeLearning*, já que ele se apresenta como uma ferramenta dinâmica, que proporciona interatividade com o material elaborado, o que consideramos uma grande contribuição para o processo de ensino e aprendizagem, direcionado ao professor e ao aluno. Ainda que as diretrizes do ensino propedêutico tendam a limitar o acesso a temáticas para além dos currículos, conseguimos criar metodologias e conteúdos que se encaixam nas competências da BNCC e que podem, e devem, serem trabalhados de forma interdisciplinar.

#### **4.4.2 Aulas e Avaliações**

O AO que construímos, foi elaborado a partir de diversas ferramentas disponibilizadas pelo *exeLearning*. Produzimos um material com características de um livro didático, como textos e imagens, mas também fizemos uso de vídeos, inserimos uma atividade de quebra-cabeça, além de construir atividades que permitam, ao aluno, ter acesso instantâneo à correção dos exercícios propostos.

Ademais, nós nos preocupamos com a fixação do exercício e a importância da construção de respostas dissertativas, essenciais para a exposição de argumentos de forma crítica e, por isso, fizemos uso do *IDevice* Tarefas, o qual permitiu que inseríssemos imagens, editadas por nós, referentes a al-Andalus e Medinat al-Zahra com questões que deverão ser respondidas no caderno, outra ferramenta essencial para o aluno.

A construção dessas respostas dissertativas pode ser orientada pelo professor e realizada, em conjunto, entre os alunos, mas cada um deverá responder de forma individual em seu caderno, a fim de ter consigo o material para estudo.

As avaliações podem ocorrer de forma diária, com a resolução das atividades e das Tarefas. Esgotado o conteúdo, o professor ainda pode repassar, com os alunos, os exercícios propostos nas Tarefas e, ao final, pedir para que façam um texto corrente e dissertativo com a finalidade de avaliar o conhecimento adquirido, assim como a capacidade de argumentação e, principalmente, qual era a percepção dos alunos sobre o islã e os muçulmanos e como ficou após os ensinamentos adquiridos através do conteúdo apresentado.

Para a organização das aulas, nós nos embasamos na grade curricular feita para o Novo Ensino Médio, em Minas Gerais, na qual constam apenas duas aulas semanais de história nos

três anos do ensino médio. Entendemos que essa quantidade de aulas semanais não são, e estão longe de ser ideal, se quisermos ajudar na formação de cidadãos críticos e conscientes. No entanto, estamos presos naquela velha questão do currículo e vendo, na prática, o que Bittencourt (2018) nos alertou sobre a formação de cidadãos individualistas e capitalistas.

Articulamos, nas 4 aulas previstas, como foi elaborada a composição do nosso objeto de aprendizagem, descrevendo a forma como a aula deverá ser conduzida e também quais são as finalidades e objetivos a serem atingidas por elas. A descrição da condução da aula é apenas uma sugestão, respeitando a autonomia do professor.

### *Aula 1.*

Antes de iniciar os alunos, o professor precisará fazer uma discussão em sala para poder diagnosticar o entendimento que os alunos têm sobre al-Andalus e Medinat al-Zahra. Feito isso, ele fará uma introdução sobre o tema, amparado pelos materiais que estão no nosso OA, na aba “Professores!”. Em seguida levará os alunos para o laboratório de informática para que eles conheçam a ferramenta do *exe learning*, aprendendo a manuseá-la para as próximas aulas.

O professor, juntamente com os alunos, irá fazer uma leitura da primeira parte, intitulada “Al-Andalus, Abd al-Rahman III, Medinat al-Zahra”, que tem a finalidade de instigar os alunos a quererem conhecer o conteúdo, já que são termos que não fazem parte do cotidiano. Antes da explicação, inserimos mapas identificando a atual localização de Espanha e Portugal e também indicando onde estão as cidades de Córdoba e de Medinat al-Zahra. E, para criar intimidade entre aluno e conteúdo, explicamos a que cada nome se refere, inserindo também uma imagem do Conjunto Arqueológico de Medinat al-Zahra. Em seguida, acrescentamos um Glossário, para facilitar a compreensão de algumas palavras e referências que não são comuns em nosso vocabulário e, também, uma Reflexão sobre o porquê deve-se estudar esse conteúdo, apresentando uma imagem que demonstra a aproximação das nossas raízes com os muçulmanos.

O mesmo procedimento de leitura e discussão deverá prosseguir pela aba “Venha Entender Melhor”, na qual construímos um material que busca localizar o espaço, o tempo, os personagens e definimos alguns conceitos. No plano de fundo, utilizamos imagens de partes da construção da cidade palaciana, com a intenção de criar uma familiaridade com o nosso tema.

Ainda nessa mesma parte, criamos três seções intituladas “Breves Pinceladas na História”, sendo a primeira uma abordagem sucinta da história de Maomé e o surgimento do islã, através de textos, imagens e vídeos que dão destaque a alguns elementos da cultura

islâmica. A segunda está dedicada a explorar o processo de sucessão do Profeta e a primeira expansão muçulmana, ilustrada por meio de um mapa. Também conta com uma tabela de definições do que é o sunismo e o xiismo; a compreensão desses conceitos são essências para entender os conflitos entre Abd al-Rahaman III e os Fatímidas. Na terceira, através de um mapa, ilustramos a segunda expansão muçulmana e damos uma atenção aos Omíadas, um assunto essencial, visto que será um descendente dos omíadas de Damasco que mandará construir a cidade de Medinat al-Zahra, com a intenção de legitimar o poder dessa dinastia na Península Ibérica.

Para finalizar esse conteúdo, propusemos uma Tarefa, que exigirá que o aluno reflita sobre o conteúdo estudado até o momento, respondendo de forma dissertativa o que se pede. Ela poderá ser discutida em conjunto, mas a resposta final será individual, o que deverá ser feito com as demais Tarefas propostas pelo OA, como já foi mencionado.

#### *Aula 2.*

A partir dessa aula, os alunos deverão ser levados para o laboratório de informática até a conclusão do conteúdo.

Na aba de “Al-Andalus”, colocamos um vídeo para introduzir e despertar a atenção dos alunos sobre esta temática e, em seguida, procuramos fazer um retrospecto da história dessa região, destacando a presença dos Visigodos, quem eram os berberes e o que foi o valiato. Inserimos duas imagens sendo uma da Batalha de Guadalete, para ilustrar o combate entre berberes e visigodos, e uma outra sobre os tipos de comidas que foram inseridas na Península Ibérica, estimulada pela presença muçulmana, trazendo uma proximidade e relação com a cultura brasileira. Ainda, fizemos uma seção destinada ao Direito Islâmico a fim de explicar como era a organização daquela sociedade e qual era a influência do Alcorão na vida dos que lá viviam.

As atividades foram elaboradas de modo a fazer com que os alunos respondam de forma rápida e objetiva, obrigando-os, de certa forma, a retornarem ao texto para melhor interpretar e compreender as informações. Para complementar, criamos uma Tarefa.

Na aba “Emirado”, explicamos o significado dessa forma de governo e como ele foi instituído em al-Andalus, nos limitando a contar as histórias de Abd al-Rahman I, que implantou o emirado independente, e do emir Abd Allah I, uma história cheia de intrigas, que quase colocou fim à hegemonia omíada naquela região; acreditamos que despertará atenção dos

alunos. Construímos também um quadro com imagens dos emires, a fim de ilustrar a existência de outros líderes e como a história não se limita apenas aos dois citados.

Ao final, os alunos deverão realizar as atividades, que terão respostas instantâneas – pode ser em conjunto com os colegas – e a Tarefa.

Dando continuidade, o professor poderá fazer uma retrospectiva à história de Abd Allah, como maneira de introduzir o assunto a respeito de Abd al-Rahman III e o seu Califado.

Além do texto, introduzimos duas imagens, sendo uma que representa o Califa já na cidade de Medinat al-Zahra, em uma recepção, algo comum de se ocorrer no Salão de Abd al-Rahman III, ou Salão Rico, em que participavam altos funcionários e também embaixadores. A outra imagem, montada por nós é para ilustrar a menção que fazemos a cidade de Córdoba.

Após resolver as atividades e a Tarefa, o professor poderá introduzir o tema sobre Medinat al-Zahra.

Mais uma vez, deverá ser feito um diagnóstico sobre como os alunos têm absorvido o conteúdo até o momento, para que eles possam relacioná-lo com a construção da cidade califal. Isso poderá ser feito de forma oral.

### *Aula 3.*

A aba Medinat al-Zahra é composta por textos e imagens dedicados a apresentar e proporcionar um contato maior a respeito da cidade palaciana. Logo de início, tem-se uma visão do Salão Rico, que foi, até o momento, o principal local onde ocorreram as recepções, cerimônias e festividades do Califa e, também, na questão arqueológica, é o mais avançado nas escavações, que conta com robusta produção científica sobre ele.

Assim, como ocorreu nas outras abas, utilizamos a imagem de uma lâmpada com um cérebro com a finalidade de dar destaque a algum assunto que possa complementar as informações apresentadas. A partir disso, o que se segue são textos explicativos sobre a construção da cidade; os materiais utilizados; os métodos de construção; o reaproveitamento de estruturas romanas; e a finalidade para qual ela foi construída. Tudo acompanhado de imagens que ajudam a ilustrar o imaginário.

Seguindo o mesmo padrão, os alunos deverão realizar, ao final, as atividades e Tarefas. Essa tarefa, em específico, contém um quebra-cabeças, mas, para utilizá-lo, é preciso estar conectado à internet.

Por fim, na quarta aula, deverá ser trabalhado o Conjunto Arqueológico, a questão da arqueologia como uma importante ferramenta para a história, que possibilita descobertas de um

passado que, por muitas vezes, ficou desaparecido por muito tempo, como foi o caso de Medinat al-Zahra

Esse conteúdo foi composto por textos, imagens e um vídeo que remonta a cidade palatina. O vídeo está em língua espanhola, o que não é difícil de compreender, mas sabemos que os alunos não irão se prender a um material que será reproduzido por cerca de dezesseis minutos sem entender a língua. Por isso, é importante que o professor chame a atenção para a questão visual do vídeo, já que ele reconstrói, a partir dos achados arqueológicos, a arquitetura, os personagens, em geral, o fluxo da cidade, como seria no século X.

Ainda, contém fotos de antes e depois de uma restauração, e um mapa espacial da delimitação feita pela UNESCO para proteger o Conjunto Arqueológico. Ademais, inserimos a resolução da UNESCO, quando declarou Medinat al-Zahra como Patrimônio da Humanidade. Ao final, o estudante ainda tem acesso a uma Galeria de Imagens em que é apresentado o trabalho de Antonio Almagro Gorbea, que recria imagens da cidade palaciana a partir dos estudos arqueológicos já realizados.

E para terminar, apresentamos apenas duas atividades de assinalar.

#### *Aula 4.*

Nesta aula, o professor poderá fazer um diagnóstico, de forma oral, do antes e depois, do conhecimento obtido pelos alunos. Poderá também tirar dúvidas pontuais que ficaram ao longo de todo o conteúdo. Para finalizar, poderá aplicar uma avaliação que faça os alunos refletirem sobre o que eles sabiam sobre a Península Ibérica, o que eles aprenderam e como isso se relaciona com a formação da nossa cultura.

Ao construir essa parte do trabalho, notamos que a construção de um OA não é uma tarefa simples, como se apresenta quando vemos um produto final com essa finalidade. Não basta escrever textos, montar imagens, produzir vídeos e construir exercícios. É preciso todo um aparato epistemológico que compõe a origem, desde o primeiro momento em que se detecta um problema educacional, atravessando pela pesquisa histórica, como no nosso caso, passando pelas políticas educacionais, metodologias, teorias e produções acadêmicas, tudo interligado dentro de uma teia que faz com que o processo educacional se movimente e resista contra todos desafios que são impostos por uma sociedade que ainda não entendeu a importância da educação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Medinat al-Zahra certamente não é um nome muito comum para nós. Assim como não é comum sabermos que houve um Califado na Europa, e que o reflexo cultural desse período histórico pode ser observado na nossa formação como sociedade, também, herdeira dos costumes ibéricos, e isso não significa apenas uma herança portuguesa. Nossas raízes são mais profundas.

Quando abordamos a temática da História Ibérica, os conhecimentos acadêmico e escolar, nos levam a um recorte físico e temporal relacionado à Península Ibérica, de forma específica ao reino de Portugal e ao reino da Espanha, e o respectivo processo de colonização efetuado por esses reinos na Idade Moderna, principalmente. Já quando se trata da presença islâmica na Península Ibérica, fala-se do processo de Reconquista, tendo, como perspectiva, a existência de um conflito, que gerou vencedores – os cristãos, como se fossem uma unidade coesa – e os vencidos – os islâmicos. Pouco ou nada se apresenta sobre a presença e o legado cultural impresso pelos muçulmanos ao longo de sua presença, como dominadores em várias partes daquele território.

No âmbito escolar, a dificuldade de compreender a presença da cultura islâmica na Península Ibérica durante a Idade Média, esbarra na falta de materiais e de acesso aos conteúdos acadêmicos sobre esse assunto. Sobre a produção acadêmica, uma dificuldade se expressa, inicialmente, na questão da língua: em sua maioria, os livros e artigos estão em língua espanhola. São raríssimas as informações em português, o que acaba por limitar as pesquisas e mesmo o ensino. O que pode resultar em um segundo problema, que é a escassa preparação dos professores nas universidades, pois não apresentam, em sua grade curricular, uma disciplina específica sobre esse conteúdo; o que, por sua vez, acaba por refletir na baixa produção acadêmica e na conseqüente falta de materiais e também de professores preparados para o ensino de História Ibérica. Ainda, podemos somar a essas dificuldades, a elaboração de políticas educacionais que ainda mantêm engessados os conteúdos de história sob uma ótica etnocêntrica e capitalista – se levarmos em conta a nova BNCC – o que reflete, diretamente, na formação dos alunos e no desenvolvimento da sociedade, já a formação de indivíduos críticos é fundamental para a manutenção da democracia.

Segundo uma reportagem da BBC, publicada em 2017, o Brasil, até aquele ano, contava com 35.167 seguidores do islã. Ainda, o número de muçulmanos pelo mundo deverá crescer até 2050, tendo amplo crescimento nos Estados Unidos e na África Subsaariana, diferente da América Latina em que esse número não crescerá na mesma proporção, devido a fatores como:

o fluxo migratório - pois destinos, como EUA e Europa, são os mais procurados; conversões ao islã – sendo que a cultura cristã ainda é predominante, preferindo-se a conversão do catolicismo para evangélico; e taxa de fecundidade – visto que, em países muçulmanos, principalmente africanos, a taxa de natalidade é maior do que nos da América Latina<sup>31</sup>.

Apesar de avanços nos estudos em relação aos povos muçulmanos e as suas manifestações culturais, sociais e políticas, ainda há muito que caminhar no sentido de levar esses conhecimentos à Escola. O preconceito para com os muçulmanos tem se fundamentado em discursos perpetuados pela mídia, produções cinematográficas e jogos de vídeo game, os quais atrelam, ao islã, a imagem de uma cultura extremista (quanto à religião, principalmente), conservadora, violenta e que priva de liberdade as mulheres e os LGBTQIA+. As barreiras sociais e culturais acabam por influenciar no modo de compreensão e aceitação do outro, do que é diferente, daquilo que não faz parte do nosso dia-a-dia. No entanto, ao entrarmos em contato com a História Medieval, em específico a vivenciada pelos muçulmanos na Península Ibérica, descobrimos a riqueza cultural por eles conservada, desenvolvida e propagada que, inclusive, chega até o nosso tempo, porém não sabemos que herdamos deles. Diante disso, acreditamos que é preciso nos mobilizar para aprendermos e, com esse conhecimento, apresentarmos e discutirmos, na Escola, a contribuição deixada pelos muçulmanos de al-Andalus.

Por isso, nos preocupamos em construir o nosso trabalho com essa temática a fim de dar cada vez mais visibilidade e ser também um incentivo para que novas pesquisas sobre o assunto venham a ser produzidas, ampliando o conhecimento e, conseqüentemente, diminuindo o preconceito.

O mestrado profissional nos permite uma abertura em duas vertentes: uma para a produção de objetos de aprendizagem e a outra para a produção acadêmica. Desse modo, entendemos que ele é essencial para suprir essa demanda de construção de um trabalho científico e fundamentado e sua efetividade nas escolas de educação básica. Com isso, é fundamental que as universidades se movimentem no sentido de se fazerem presentes em discussões das políticas educacionais, já que são elas que gerenciam os conteúdos.

Ademais, entendemos que o nosso trabalho ainda pode e deve ser explorado com o aprofundamento de algumas temáticas suscitadas durante a sua construção, seja no campo da

---

<sup>31</sup> Sobre a reportagem completa, ver banco de dados: Por que a América Latina é a única região do mundo onde o islã não cresce. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39501016>. Acesso em: 26 de jun. 2020.

história ou no da educação. Além disso, podemos explorar, através de outras ferramentas, a produção de diferentes tipos de objetos de aprendizagem.

Um adendo: é imprescindível que se faça uma divulgação dos repositórios com trabalhos produzidos pelo PPGHI-UNIFAL. A Universidade Federal de Alfenas se localiza entre três regionais da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Dessa maneira, incentivos aos profissionais de educação básica, poderiam contribuir de forma efetiva para o melhor aproveitamento dos objetos de aprendizagem desenvolvidos, bem como da formação escolar dos alunos.

## REFERÊNCIAS

AMIGOS DE MEDINA AZAHARA. **Medina al-Zahra**. Disponível em: <http://www.amigosdemedinaazahara.com/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ARCAS CAMPOY, María. Consideraciones sobre la sociedad andalusí y el derecho islámico (en breves pinceladas diacrónicas). **Estudios de Historia de España**, San Cristóbal de *La Laguna*, Espanha, n. 17, págs. 111-130, 2015.

BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, Maringá, Paraná, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BERMÚDEZ, Ángel. Por que a América Latina é a única região do mundo onde o islã não cresce. **BBC**, Brasil, 05 abr., 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39501016>. Acesso em: 26 jun. 2020.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre o ensino de história. **Estudos Avançados**. v. 32, n. 93, USP, p.127-149, 2018.

BRAGA, Juliana (Org.). **Objetos de Aprendizagem**. Volume 1 – Introdução e Fundamentos. Coleção Intera, Ed. UFABC, Santo André, SP, 2014.

BRASIL. **Constituição do Brasil 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 22 de jul. 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 22 de jul. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 20 de fev. 2021.

BULEGON, Ana Marli; TAROUCO, Liane Margariga Rockenbach. Objetos de Aprendizagem, exeLearning e Moodle: recursos auxiliares para o desenvolvimento do pensamento crítico no ensino médio. **Vidya**. Santa Maria - RS, v.34, n. 1, p.149-172, 2014.

BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História**. Novas Perspectivas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. CAIXETA, Elenice Maria. **O Ensino-Aprendizagem de História Ibérica Medieval: a consciência histórica dos alunos acerca da influência cultural árabe no Brasil**. 2019. 210 f.

Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional em História Ibérica) – Programa de Pós-Graduação Profissional em História Ibérica, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas-MG, 2019.

CALVO CAPILLA, Susana. Madinat al-Zahra' y la Observación del Tiempo: el Renacer de la Antigüedad Clásica en la Córdoba del siglo X. **Anales de Historia del Arte**, Madri, vol. 22, n. especial (II), p. 131-160, 2012.

CARRASCO MANCHADO, Ana I; MARTOS QUESADA, Juan; SOUTO LASALA, Juan. A. **Historia de España Medieval**. Al-Andalus. Madrid: Istmo. 2009.

\_\_\_\_\_. **O que é a História Cultural?** Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**. Entre Prática e Representações. Algés, Portugal: Difel, 2ª ed. Tradução Maria Manuela Galhardo, 2002.

FIERRO, Maribel. **Abderramán III y el califato omeya de Córdoba**. Nerea, 2011.

\_\_\_\_\_. **Atlas Ilustrado de La España Musulmana**. Madri: Susaeta, 2012.

\_\_\_\_\_. Medinat al-Zahra', el Paraíso y los Fatímies. **Al-Qantara**, Madri, vol. 25, n. 2, p. 299-327, 2004.

\_\_\_\_\_. Qué hacer con al-Andalus. **eHumanista**, Madri, vol. 37, p. 177-184, 2017.

**HISTÓRIA ISLÂMICA. 711: Divididos, Visigodos convidam Muçulmanos à Ibéria e perdem seu Reino**, 14 de setembro de 2020. Disponível em:

<https://historiaislamica.com/pt/a-conquista-islamica-da-espanha/>. Acesso em: 15 de fev. 2021.

GONZÁLEZ ZYMLA, Hebert. **Año 929**. El Califato de Córdoba. Laberinto, 2011.

INSTITUTO DA CULTURA ÁRABE. **Influência Árabe no Mundo e Artes Ocidentais**.

Disponível em: <https://icarabe.org/geral/influencia-arabe-no-mundo-e-artes-ocidentais>.

Acesso em: 22 de abr. 2020.

LIMA, Marcelo Pereira. Representações da Península Ibérica Medieval nos livros didáticos: os (des) compassos entre a escola e a academia? **Revista de História Comparada**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 165-196, 2012.

MACEDO, José Rivair. Repensando o ensino da Idade Média no ensino de História. In: KARNAL, Leandro. (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 109-125.

MEOUAK, Mohamed. Madinat al-Zahra em las fuentes árabes del Occidente Islamico. IN: **Cuadernos de Medienat al –Zahra**. Consejería de Cultura. Junta de Andalucía, Cordoba, v.5, 2004, p. 53-80.

MONTILLA TORRES, Irene; VALLEJO TRIANO, Antonio. Madinat Al-Zahra. La Ciudad Brillante La investigación como difusión. **Virtual Archaeology Review**, v. 3, n. 6, 2012.

MUÑOZ DÍAZ, Jesús Miguel. Madinat al-Zahra: Cronología de Um Conflicto. **Observatorio del Patrimonio Histórico Español**. Disponível em: Disponível em: <http://www.ugr.es/~ophe/013PROYECTOS/013index.htm>. Acesso em: 03 de mar. 2021.

OLIVEIRA, Fabiana; AVELINO, Maria Aparecida. As Abordagens acerca da História Ibérica Medieval em Livros Didáticos. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v 67, n.1, p. 259-281, jan./jun. 2019.

ONRUBIA, Javier. Ensinar: criar zonas de desenvolvimento proximal e nelas intervir. In: COLL, César (el al). **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2009. P. 123-150.

PANADERO DELGADO, Carmen. Abdallâh, el emir fratricida. Madri, Espanha. **Las Nueve Musas**, 2018. Disponível em: <https://www.lasnuevemusas.com/abdallah-el-emir-fratricida/>. Acesso em: 12 de mai. 2020.

RUI, Adailson. José. (2020). Abd al Rahman III: a implantação do califado e a construção de Medinat-al-Zahra como centro de poder em al Andalus. **História Revista**, 25(1), 54–72. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/63334>. Acesso em: 02 de mar. 2022.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS- SEE. **Currículo Básico Comum - CBC**. Disponível em: <https://curriculoreferencia.educacao.mg.gov.br/index.php/cbc>. Acesso em: 22 de jul. 2021.

\_\_\_\_\_. **Currículo Referência de Minas Gerais - CRMG**. Disponível em: <https://curriculoreferencia.educacao.mg.gov.br/index.php/ens-medio>. Acesso em: 22 de jul. 2021.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SHAMSUDDÍN ELÍA, Ricardo Horacio. Historia de Al-Ándalus (711-1492). La Convivencia de tres culturas durante 800 años. **Revista Eletrônica Islamoriente**. Disponível em: <http://articulo.islamoriente.com/article/historia-de-al-andalus-711-1492-la-convivencia-de-tres-culturas-durante-800-anos>. Acesso em: 07 de jun. 2020.

SOLÉ, Isabel. Disponibilidade para a aprendizagem e sentido da aprendizagem. In: COLL, César (el al). **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2009. p. 79-121.

TAMANINI, Paulo Augusto; SOUZA, Maria do Socorro. As Tecnologias Digitais no Ensino de História no Brasil. Um Mapeamento das Pesquisas Acadêmicas. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro v.2, n.3, p. 142 -158, Set/Dez. 2018.

THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, v.13, n. 30, 2008, p. 545-598.

TOKARNIA, Marina. Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à Internet, mostra pesquisa. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 29 de abril de 2020. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em: 05 de jan. 2021.

VALLEJO TRIANO, Antonio. El Herdero Designado y el califa. El occidente y el oriente en Madīnat al-Zahrā. **Mainake**, n. XXXVI, 2016, p. 433-464.

\_\_\_\_\_. Consideraciones Generales sobre los Programas Decorativos de Madinat al-Zahra. **Anejos de AEspA XLI**. p.389 a 410, 2006.

\_\_\_\_\_. Madinat al-Zahra. Notas sobre la Planificación y Transformación del Palacio. **Artigrama**, n. 22, p. 73-101, 2007.

VALLEJO TRIANO, Antonio; MORALES SALCEDO, Francisco Javier; PORTERO MORENO, Antonio Jesús. **Madinat al-Zahra**. Conjunto Arqueológico. Cuaderno Didáctico Para alumnos y alumnas de Educación Primaria y de Educación Secundaria Obligatoria. Junta de Andalucía. Consejería de Cultura.

UFRGS/CINTED. **Tutorial ExeLearning**. Disponível em: <http://penta2.ufrgs.br/exelearning/>. Acesso em: 22 jul. 2021.

ZABALA, Antoni. A função social do ensino e a concepção sobre os processos de aprendizagem: instrumentos de análise. In: **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 27-51.

## GLOSSÁRIO

### **Abássidas (750-1258).**

Dinastia árabe e islâmica. Foi a responsável pelo fim do domínio da dinastia Omíada no Oriente. No ano de 750 mediante uma revolta, apresentada na historiografia como *revolução abássida*, a referida família visando assumir o poder assassinou os omíadas, a fim de evitar futuros conflitos em requerer o Califado do Oriente. No entanto, um neto do último califa omíada conseguiu fugir para o norte da África vindo posteriormente a estabelecer um emirado independente na Península Ibérica. Dentre as mais significativas realizações feitas pelos abássidas está a mudança da capital do império islâmico de Damasco para Bagdá.

### **Abd al-Rahman I ( 731-788 ).**

Príncipe da dinastia Omíada que conseguiu fugir da dominação abássida ocorrida em Damasco no ano de 750. Com o que restou da sua família, encontrou refúgio no Norte da África, onde possuía aliados em virtude das relações familiares mantidas pelo lado materno, sua mãe era berbere. Do norte africano partiu para al-Andalus onde estabeleceu um Emirado Independente do poder dos Abássidas, dando assim continuidade a dinastia Omíada a mantendo como reinante pelo menos em uma parte do “mundo islâmico”.

### **Abd al-Rahman III (890-961).**

Descendente da dinastia Omíada, Abd al-Rahman III nasceu em Córdoba no ano de 890 foi o oitavo e último emir de Córdoba uma vez que no ano de 929 se auto proclamou Califa de al-Andalus. Considerado um grande governante, era um exímio combatente militar e um grande incentivador do desenvolvimento cultural na sociedade de al-Andalus. Foi o responsável por ordenar a construção da cidade palaciana de Medinat al-Zahra.

### **Al-Andalus.**

Nome dado pelos árabes para se referirem à Península Ibérica durante os quase oito séculos de dominação desse território (VIII –XV). O ano de 711, marca o início do domínio muçulmano daquela região pelos berberes, do Norte da África, sob a égide do Califado Omíada de Damasco. Tão logo, em 714, instalou-se um tipo de governo conhecido como *Valiato* (waliato), e o primeiro *walí* que ficou responsável foi o filho do governador berbere Musa ibn Nusayr, Abd al-Aziz. Por quarenta e dois anos os berberes governaram al-Andalus, situação que foi alterada

com a chegada de Abd al-Rahman I, em 756, no recém território muçulmano, em que proclamou um Emirado Independente.

### **Al-Hakam II (915-976)**

Al-Hakam II foi o segundo Califa de al-Andalus. Filho de Abd al-Rahman III. Foi nomeado sucessor do Califa aos quatro anos de idade e com seis anos, foi apresentado e reconhecido pelos mais importantes funcionários do governo omíada. Al-Hakam II atuava ativamente em decisões governamentais, como em assuntos relacionados ao controle fiscal, administrativo e de chancelaria do califado. Ademais, foi um grande propagandista dos omíadas na Península Ibérica e chancelava desenvolvimentos científicos e tecnológicos, além de ser um grande entusiasta da arte. Participou ativamente da supervisão, planejamento e construção da cidade de Medinat al-Zahra. Sua atuação junto com o seu pai, o Califa, demonstrava a unidade do modo de governar através de um planejamento dinástico e de sucessão com a finalidade de garantir a hegemonia Omíada na Península Ibérica. Al-Hakam II assumiu o poder efetivo logo após a morte de seu pai, em 961, quando tinha quarenta e seis anos. Governou, como califa por quinze anos, até sua morte em 976.

### **Califado.**

É uma forma de governo islâmico. Após a morte do Profeta Maomé, intensos conflitos ocorreram no sentido de definirem um novo sucessor, o qual seria responsável por resguardar e propagar a religião islâmica. Foi neste ínterim que se deu a histórica divisão entre Xiitas e Sunitas e o surgimento de grandes dinastias no Oriente e no Ocidente, como a dos Omíadas, em Damasco (661-750), em al-Andalus (756-1031), e a dos Abássidas, em Bagdá (750- 1258). De maneira geral, a figura do califa está relacionada a autoridade política e religiosa do Profeta. O **Califa** é o sucessor do Profeta Maomé, sendo o líder temporal e espiritual. Em al-Andalus, Abd al-Rahman III se autoproclamou califa no ano de 929, após o surgimento e o fortalecimento de uma nova dinastia, a dos Fatímidas, no norte da África, que ameaçava diretamente não só o seu território, mas também a sua figura como líder; até então Abd al-Rahman III era o oitavo emir da dinastia omíada em al-Andalus. Houve três califas em al-Andalus, sendo eles: Abd al-Rahman III (929-961), al Hakam II (961-976) e Hisham II (976-1010).

### **Emirado.**

Emirado é um estado ou território governado por um emir. Diferente do califa, o título de emir tem significado mais político do que religioso. Devido as grandes expansões muçulmanas, para além do Oriente, atingindo outras regiões da Ásia, África e Europa, o Califa passou a ter dificuldades em controlar todos esses territórios, dessa maneira, passou a nomear emires para auxiliá-lo. Quando Abd al-Rahman I, fugiu para o norte da África com o que restou da sua família, após o assassinato orquestrado pelos abássidas em Damasco, adentrou o território de al-Andalus com a ajuda de aliados e partidários da dinastia Omíada. Apesar de sofrer resistências de clãs árabes e berberes que ali já tinham se instalado, ele conseguiu proclamar um emirado independente. Ao todo, houve oito emires na Península Ibérica, sendo eles: Abd al-Rahman I (756-788), Hisham I (788-796), al-Hakam I (796-822), Abd al-Rahman II (822-852), Muhammad I (852-886), al-Mundhir (886-888), AbdAllah (888-912) e Abd al-Rahman III (912-929). Durante todo esse período houve um intenso fortalecimento administrativo e cultural que provocaram fortes mudanças na sociedade de al-Andalus e que iria influenciar outras culturas pelo mundo.

### **Fatímidas.**

Dinastia Xiita no Norte da África, que surgiu no início do século X. Os Fatímidas reclamavam que o direcionamento da comunidade muçulmana deveria ser feito pelos descendentes de Fátima, filha de Maomé, e Ali, seu marido. Isso representou uma ameaça direta ao até então emirado Omíada e sunita, de Abd al-Rahman III, o que demandou uma tomada de decisão por parte do emir, ao se autoproclamar Califa de al-Andalus, em 929, requerendo, portanto, a autoridade como líder temporal e espiritual do islã naquele território, o que foi bem aceito por grande parte da população.

### **Ibn Hayyan (987/988-1075)**

Ibn Hayyan nasceu no final do século X, em Córdoba. Seu pai trabalhava para o governo omíada, dessa maneira, o cronista cresceu em um ambiente que proporcionava contato e conhecimento sobre como funcionava a administração omíada. Em seus escritos podem ser observados o seu partidarismo por essa dinastia. Sua obra mais conhecida é intitulada de *Muqtabis*, que foi dividida em dez volumes nos quais relata a história dos Omíadas em al-Andalus.

### **Hisham II (965-1013)**

Hisham II foi o terceiro e último califa de al-Andalus. Não há evidências de que al-Hakam II deixou um herdeiro legítimo para sucedê-lo, após a sua morte. Porém, para manter a estabilidade política na península depois da morte do segundo califa, uma criança é apresentada como seu filho e sucessor. Com apenas onze anos, Hisham II precisaria de um tutor e Almanzór se tornou o seu representante legal, até que o terceiro califa alcançasse a maioridade aos quatorze anos, para que pudesse governar. Porém, Hisham II era apenas um representante da instituição do califado, já que Almanzór tomou o poder para si e o califa passou a viver numa redoma dentro de Medinat al-Zahra. Almanzór passou a cumprir atribuições políticas e administrativas e também era uma figura temida pelos cristãos. Aos poucos, a dinastia dos Omíadas foi perdendo o espaço e controle das instituições o que resultou no enfraquecimento do poder e da organização califal. Quando Almanzór morreu, no ano de 1002, mesmo Hisham II ainda sendo o califa, já não tinha mais o prestígio e a força como a dos seus antecessores, para se assegurar no poder. Dessa maneira, sentindo-se pressionado, principalmente pelos filhos de Almanzór, ele renunciou o seu cargo, colocando-se fim a hegemonia da dinastia Omíada na Península Ibérica, que havia sido iniciada por Abd al-Rahman I, no ano de 756, e, também, fim ao Califado que teve início no ano de 929, com Abd al-Rahman III.

### **Medinat al-Zahra.**

Cidade construída a mando do Califa Abd al-Rahman III. A data sobre o início da sua construção não é exata, e ainda causa divergência entre os pesquisadores; estima-se que ela começou a ser construída entre os anos de 936 a 940. Ao longo dos seus quase setenta anos de existência, passou por inúmeras reformas e ampliações, muitas delas acompanhadas de perto por al-Hakam II, filho de Abd al-Rahman III e segundo califa de al-Andalus. Os cronistas árabes, como Ibn Hayyan, a descreviam como o Esplendor do Califado. Sua arquitetura era imponente e os materiais utilizados na sua construção foram os melhores que poderiam ser utilizados naquele período, além de reaproveitar estruturas e outros achados pertencentes a civilização romana que havia dominado aquele território, séculos antes. Além de ser uma cidade administrativa, que abrigava o califa e altos dignitários, também era a expressão temporal e espiritual do Califado Omíada no Ocidente. Sua existência está totalmente relacionada com afirmação de um califado na Península Ibérica, sendo construída, ampliada e reformada durante os anos áureos dos governos de Abd al-Rahman III e al-Hakam II e, o seu declínio, a medida que o governo de Hisham II se tornou insignificante. A partir do ano de 1010, a cidade palaciana

foi perdendo o seu brilho a partir de inúmeros saques e espólios, se transformando, posteriormente, em uma mera pedreira. Ficou por quase sete séculos escondida, sendo a sua existência conhecida através, apenas, de crônicas árabes que relatavam uma construção esplendorosa jamais vista. Foi a partir de 1911, que começaram os trabalhos arqueológicos de escavação que descobriram a joia do califado de al-Andalus. Apenas 12% de sua extensão foi escavada, há muito trabalho a ser feito e muitas descobertas estão por vir.

**Valiato.**

Espécie de subdivisão administrativa governada pelo vali (*walí*) sob tutela do Califado. O *walí* deve responder ao Califa. O Norte da África foi um dos locais alcançados pela expansão muçulmana fora da Península Arábica. Dessa maneira, o governo que ali se instalou seguiu ordens do Califado de Damasco. Para adentrar e dominar a antiga *Hispania*, o governador berbere Musa ibn Nusayr, contou com o apoio do califa al-Walid I. Ao se estabelecerem no território, fundaram o *valiato*, deixando o berbere e filho do governador, Abd al-Aziz, como o responsável por governar aquela região.